

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
BOLETINS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

XXXVIII

GEOGRAFIA

N.º 1



SÃO PAULO - BRASIL
1944

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor:

Prof. Jorge Americano.

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Diretor:

Prof. André Dreyfus.

Vice Diretor em exercício:

Prof. Plínio Ayrosa

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

GEOGRAFIA HUMANA

Prof. Pierre Monbeig

GEOGRAFIA FÍSICA

Prof. João Dias da Silveira

GEOGRAFIA DO BRASIL

Prof. Aroldo de Azevedo

Assistentes:

M. Conceição Vicente de Carvalho

Nice Lecocq Müller

Elina de Oliveira Santos

José Ribeiro de Araujo Filho

Regina Carneiro

TODA CORRESPONDÊNCIA DEVERA' SER
ENDEREÇADA PARA

CAIXA POSTAL N.º 105-B

SÃO PAULO (Capital)

B r a s i l

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

BOLETINS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

XXXVIII

GEOGRAFIA

N.º 1

*Do prof. Jean Sage,
cordialmente graças*

Ardele de Almeida

Paula

25. V. 44



SÃO PAULO BRASIL
1944

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

BOLETINS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

XXXVIII

GEOGRAFIA

N.º 1

**Organizado pela cadeira de
Geografia do Brasil**

SÃO PAULO - BRASIL

1944

APRESENTAÇÃO

A árvore da Geografia cresceu lenta mas seguramente na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. De início, era uma só cadeira, entregue aos cuidados e à competência dos mestres que a França, em tão boa hora, enviou-nos. Depois, veio a criação das duas cadeiras — Geografia Humana e Geografia Física. Em 1942, finalmente, passou a ter existência efetiva a cadeira de Geografia do Brasil.

Exatamente dois anos depois de assim estar completo aquilo que poderemos chamar de Departamento de Geografia de nossa Faculdade, vem a lume o seu 1.º Boletim, correspondente à cadeira de Geografia do Brasil.

Entregando-o aos alunos, aos estudiosos da Geografia e ao público em geral, não desejamos outra coisa senão trazer nossa contribuição à obra de renovação que, de maneira tão auspiciosa, se vem processando em nosso país, no campo geográfico. Tudo quanto conseguimos fazer nesse curto lapso de tempo nada mais é que pequena amostra do que vem sendo construído, desde 1934, no Departamento de Geografia de nossa Faculdade. A circunstância de ser quem assina estas linhas um licenciado por esta mesma Faculdade e o facto de ainda estar-lhe dando sua preciosa e indispensável colaboração a inteligência dinâmica do prof. Pierre Monbeig explicam essa continuidade, apesar de ser recente a criação da cadeira de Geografia do Brasil.

O que se acha aqui reunido é um simples resumo da modesta mas construtiva atividade dos que procuram transmitir à geração atual o que aprenderam nos livros que leram, nos bancos desta Faculdade, na observação direta e na experiência que conseguiram acumular. Trabalhos de pesquisas ou frutos de um estudo consciencioso — eis o que se encontrará nas páginas que vêm a seguir. Que possam ser úteis a todos quantos se interessem pela ciência geográfica, concorrendo para elevá-la ao posto que bem merece ocupar no conjunto dos conhecimentos humanos.

AROLD DE AZEVEDO.

São Paulo, janeiro de 1944.

SUMÁRIO

I. *Apresentação.* — Pelo prof. Aroldo de Azevedo, da cadeira de Geografia do Brasil.

II. *Monografia de fazenda: a Fazenda “Engenho d’Água”, em Guaratinguetá* — Pela licenciada Maria Luíza Pires do Rio Pinho.

— Localização e denominação. Limites. Altitude e clima. Solo e topografia. Descrição da paisagem. A sede da Fazenda. O passado. Evolução da cultura. Povoamento. Vida econômica: agricultura e criação.

III. *Um recanto da Canareira: Gopóuva.* — Pela licenciada Maria Galdina A. Xavier.

— Introdução. Aspectos físicos: relevo (origem do terreno, sedimentação, topografia atual), hidrografia, clima (temperatura, umidade do ar) e vegetação. Aspectos humanos: as origens, a vila, a população e a vida econômica (indústria local, comércio, agricultura, vias de comunicação). Conclusão.

IV. *Recôncavo da Baía.* — Pelo prof. Aroldo de Azevedo.

— Uma zona de transição. A baía de Todos-os-Santos. Geologia do Recôncavo. As origens da baía de Todos-os-Santos. O clima e os solos. A colonização portuguesa. A população e os núcleos urbanos. A cidade do Salvador. Fumo. Riqueza do Recôncavo. Duas outras velhas riquezas. Uma riqueza do futuro. Os transportes.

V. *Bibliografia: Brasil Meridional* — Organizada pela professora Regina Carneiro, comissionada junto à cadeira de Geografia do Brasil.

— Obras gerais. Obras especiais.

VI. *Noticiário.* — Resumo das atividades da cadeira de Geografia do Brasil nos anos letivos de 1942 e 1943. Programa para 1944.

MONOGRAFIA DE FAZENDA

A Fazenda “Engenho d’Água”, em Guaratinguetá

Maria Luiza Pires do Rio Pinho.

Toda monografia de fazenda oferece um interesse muito especial, dada a importância de nossa vida rural. Entretanto, o presente estudo da licenciada *Maria Luiza Pires do Rio Pinho*, elaborado em 1942 para a Cadeira, apresenta um interesse ainda maior por se referir a uma velha zona de nosso Estado: o vale do Paraíba.

A par de uma vívida descrição, a autora mostra como a Fazenda “Engenho d’Água” evoluiu da policultura para a monocultura cafeeira e, desta, para a pecuária leiteira, a exemplo de tantas outras na referida zona. Não constituindo uma exceção, a fazenda aqui estudada simboliza muito bem toda a história econômica do vale do Paraíba, nos últimos cem anos. — A. de A.

LOCALIZAÇÃO E DENOMINAÇÃO

Localizada no próprio município de Guaratinguetá (Estado de São Paulo), distando 6 km. da cidade, a fazenda acha-se à margem direita da estrada Guaratinguetá-Cunha, possuindo para chegar até esta uma ótima estrada de rodagem particular.

Está colocada longitudinalmente dentro de um vale, sendo que suas dependências mais importantes estão todas na parte mais baixa do vale e nas encostas mais suaves; apenas o cafetal atinge pontos mais altos, constituindo uma exceção à regra.

A fazenda pertence, desde 1926, ao Sr. Joaquim Vilela de Oliveira Marcondes, prefeito da cidade de Guaratinguetá e, sendo um dos principais objetos de sua atenção, tem recebido sempre inúmeros melhoramentos, que fizeram dela uma das mais prósperas fazendas dos arredores.

Seu nome, “ENGENHO D’ÁGUA”, não é o mesmo da época de sua fundação. Infelizmente não conseguimos saber qual era o antigo nome. O atual foi dado há mais ou menos 60 anos, quan-

do a fazenda era produtora de café; nessa época, a máquina era movida à água, vindo daí o nome — Engenho d'Água.

LIMITES

A fazenda limita-se ao norte com as propriedades de:

Herdeiros de Manoel Pedro, Família Simião, Antonio Guimarães, Oscar Santos Velho, André Alckimin, Avelino e Ananias Silva e Francisco Mota.

A oeste são limitrofes da fazenda "Engenho d'Água" as seguintes propriedades:

Sebastião Fortes e Getulio Fortes.

Ao sul estão as fazendas de: João de Campos, Pedro Rocinha, Alfredo Rodrigues, Benedito Gama, João Bernardes e Lindolfo e João Salvador.

A leste estão as terras de: João Meira dos Reis e João J. U. de Queirós.

Pelo número de propriedades limitrofes vemos que as fronteiras de norte e sul são de muito maiores proporções que as de leste e oeste, tendo a fazenda forma acentuadamente retangular.

Para a marcação de limites, sempre que não foi possível aproveitar o curso de um riacho, a crista dos morros ou outro acidente qualquer do terreno, existem cercas de arame farpado com 3 ou 4 fios, que rodeiam a quasi totalidade da fazenda; aliás, não se poderia lançar mão de outro recurso para fechar a propriedade, uma vez que se trata de uma fazenda de gado, como veremos.

ALTITUDE E CLIMA

A altitude da fazenda, no local da sede, é de, mais ou menos, 530m, sendo que é este um dos lugares mais baixos, pois está situada bem próximo da margem do ribeirão que corta a fazenda de ponta a ponta. Saído dessa parte mais ou menos baixa e plana, encontramos logo um terreno bastante ondulado em que os morros, muito numerosos, têm, em média, a altitude de 30 ou 40ms.

O clima é salubre e bastante sêco. A água existente na fazenda, apesar de estagnada em vários pontos, não a prejudica absolutamente, como é comum acontecer, sendo até bastante útil por sua repartição bem feita. Tanto isso é verdadeiro, que as casas dos agregados procuram sempre a beira dessas águas, sem, entretanto, serem eles atacados por doenças.

As chuvas são abundantes de setembro a março, não havendo anomalias de importância em sua distribuição. No verão dá-se,

às vezes, o caso de sobrevirem tempestades mais ou menos fortes, sem que, entretanto, causem danos sérios.

Nos três últimos anos observou-se prolongado período de sêca, que afetou, embora de leve, não só a paisagem como também a economia da fazenda.

SOLO E TOPOGRAFIA

A fazenda acha-se localizada em uma região bastante acidentada: os contrafortes da Serra de Cunha. O que mais chama a atenção na paisagem é esse relevo acidentado, através do qual correm a estrada de rodagem Guaratinguetá-Cunha e a estrada particular da fazenda.

Os morros em número incontável, as colinas, os vales e a pequena planície onde se localiza a sede, todo esse conjunto encanta e agrada à vista, proporcionando ao observador os mais variados e pitorescos recantos.

São realmente admiráveis as vistas que se podem alcançar do alto dos morros. Não se encontram aí relêvos abruptos, arestas agudas, nem vales escarpados; o relevo é suave, sem ser monótono. Os vales são largos e longos, ocupados por rios ou charcos que, devido a ondulações do terreno, são obrigados a executar inúmeras voltas.



Foto n. 1. — O sítio da Fazenda.

Essa ondulação do terreno não tem toda ela a mesma altitude média. Pela fotografia n.º 1 pode-se ver que há um relêvo mais elevado ao fundo e que os outros morros em primeiro plano na fotografia são bem mais baixos.

Assim podemos dizer que essa região apresenta dois níveis de relêvo:

1) O primeiro, que se vê ao fundo da fotografia representado por uma linha de montanhas, é a Serra de Cunha própria-mente dita e que se prolonga muito além do que se pode ver na fotografia, tanto para a direita como para a esquerda, conservando sempre mais ou menos essa mesma altitude.

2) O segundo é aquele em que se acha localisada a fazenda; são os contrafortes da serra. Esta região, apesar de ser bastante acidentada, é muito mais baixa do que a primeira. Do lugar de onde foi tirada esta fotografia não se pode observar o resto da paisagem, que fica escondida por detrás de inúmeros acidentes.

O relêvo continua, entretanto, a ser cada vez mais baixo e a 6 km. da fazenda encontramos uma larga planície que constitue as margens do rio Paraíba. E' esse o ponto mais baixo da região, que decrece continuamente em altitude desde a Serra de Cunha até aí.

A partir dessa planície, entretanto, o relêvo torna-se de novo acidentado, desta vez mais bruscamente, atingindo então as fortes ondulações da Serra da Mantiqueira.



Foto n. 2. — Aspecto da vegetação.

Da fazenda "Engenho d'Água", não se podem ver estes dois últimos aspectos do relêvo que acabamos de citar, e que foram observados em outras fazendas visitadas, uma das quais nas margens do rio Paraíba. Apesar dessas duas formas topográficas não estarem dentro dos limites da fazenda "Engenho d'Água", não poderíamos deixar de mencioná-las, pois fazem parte de um todo, dentro do qual está também incluída a zona da fazenda.

A fazenda está localizada em uma região de relevo granítico. Seu solo é de terra silicosa, bastante ácida: é a “terra dura de morro”, conforme a designação dos habitantes do lugar. Esta terra, outrora coberta de exuberante vegetação, acha-se hoje quase completamente desflorestada, sendo que a vegetação predominante é a herbácea, como se pode ver pela fotografia n.º 2. Quasi toda a fazenda apresenta o aspecto de prado, com árvores isoladas, sendo responsáveis por êsse aspecto, não só a cultura do café, pela qual se sacrificaram as matas, como também a ação das chuvas, que continuaram a ação do homem, lavando o topo e principalmente as encostas dos morros; a fazenda despiu-se de sua cobertura de árvores.

Atualmente, cuida o proprietário com muito interesse desse problema e procura reflorestar a fazenda na medida do possível; atestam sua atividade, nesse sentido, os diversos bosques de eucaliptos espalhados por toda a propriedade. A fot. n.º 3 per-



Foto n. 3. — Bosque de eucaliptus.

mite-nos apreciar um desses bosques localizados em frente à casa da sede, na margem oposta do rio.

Na fot. n.º 8, colocada à pág. 16, podemos observar também, indicada pela seta à direita, uma pequena mata de 6 a 8 alqueires, que é a única existente na fazenda.

Quanto à repartição da vegetação, há um fato interessante a notar e que pode ser observado em qualquer uma das fotografias: é que a vegetação rarefaz-se de maneira notável nas encostas dos morros, sendo que aí constitui mesmo uma exceção.

só aparecendo nos topos dos morros e de maneira bem acentuada no fundo dos vales. A explicação parece ser a seguinte:

A parte superior dos morros, sendo quasi plana ou em declive muito suave, pode reter facilmente a água das chuvas, o que concorre para o desenvolvimento da vegetação e, assim, vemos nesses lugares não só uma grande quantidade de capim e ervas viçosas, como também alguma vegetação arbustiva. Os flancos desses morros, entretanto, devido ao seu declive, funcionam apenas como condutores da água que recebem e que por êles deslisam quasi sem se infiltrarem, trabalhando, além disso, como fator de erosão.

Essa água vai toda para os terrenos mais baixos, onde somma-se com as que êles já recebem normalmente das chuvas. O fundo dos vales, sendo a região mais irrigada, é, portanto, aquela em que a vegetação mais se desenvolve, mostrando-se muito mais viçosa e densa como vegetação erbácea e apresentando um número de árvores muito maior que nas outras regiões.

No fundo desses vales notam-se depósitos aluvionais, constituídos por detritos que são trazidos pelas enxurradas dos morros. Além desses depósitos, outros aparecem, como nas fotografias 8 e 9, constituídos de detritos carregados pelo rio.

Quanto à água — aparecem muitas vezes nas encostas dos morros “olhos d’água”, os quais dão nascimento a córregos que vão quasi todos desembocar no ribeirão São José. Êste último corta a fazenda em toda a sua extensão, sendo um dos encantos da paisagem. Por sua colocação, atravessando os pastos, é muito procurado pelos animais como bebedouro. A fazenda possui, ainda, uma represa do rio Sto. Antônio, que fornece água para a sede e adjacências, movendo ainda um pequeno engenho.

A fazenda é bem provida de água que, além de abundante, é bem distribuída, tendo esta distribuição sofrido a influência humana, que em vários pontos a corrigiu e melhorou com desvios, represas, caixas d’água, etc.

E’ interessante notar-se a influência da repartição dessa água sobre a repartição da população: as casas dos colonos estão sempre junto a um curso de água, por pequenos que eles sejam.

As pastagens estão espalhadas por toda a fazenda, com exceção de pequenas áreas dedicadas ao cultivo; as que não se localizam junto ao córrego têm outros cursos d’água naturais ou artificiais para bebedouro do gado.

DESCRIÇÃO DA PAISAGEM

E’ muito difícil fazer-se uma separação completa entre a paisagem natural e a humana, para descrever-se uma de cada vez.

Ao falarmos de uma estaremos inúmeras vezes observando a influência da outra, pois há entre ambas uma estreita correlação.

Descreveremos, pois, a paisagem de um modo geral e observaremos o seu aspecto natural e cultural, exatamente como quem atravessa a fazenda de ponta a ponta pela estrada de rodagem, que é, afinal, o seu eixo.

A fazenda é toda ela fechada por cercas de arame farpado; e é em uma delas que se acha a porteira e o "mata-burros" que marcam a entrada da fazenda. Este será o ponto de partida de nossa descrição e aí pode-se observar o que está na fot. n.º 4, tirada exatamente desse ponto.

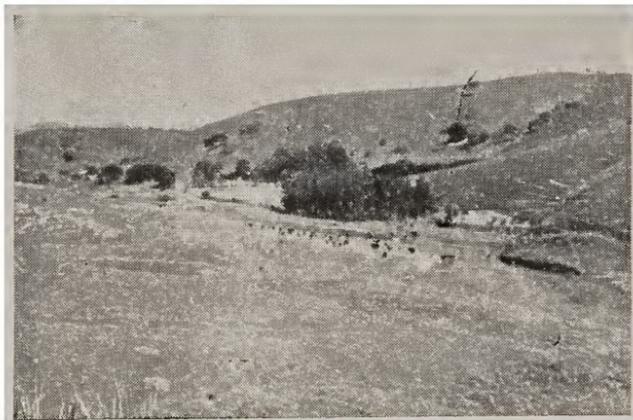


Foto n. 4. -- A entrada da Fazenda.

A extensão que a vista alcança é enorme e não menor é a beleza do panorama. A estrada Guará-Cunha fica do lado esquerdo, por trás de uma enfiada de morros mais ou menos altos, não sendo por isso visível.

A estrada da fazenda é talhada à meia encosta nesses morros e abaixo dela o declive vai se tornando cada vez mais suave até morrer no fundo do vale do ribeirão.

Depois de circundar alguns morros, atravessar outros que para isso foram talhados, e descer finalmente a encosta de um deles, a estrada ganha o fundo largo e plano do vale, e correndo não mais paralela, mas perpendicularmente ao rio, acaba por atravessá-lo sobre uma ponte que, como se pode ver pela fotografia, é muito bem construída de tijolos e assoalhada, possuindo ainda sólidas balaustradas. De sobre a ponte tem-se a vista representada pela fot. n.º 5, em que se pode apreciar o vale largo, o ri-

beirão a essa hora procurado pelo gado e, à esquerda, parte do pomar.



Foto n. 5. — O ribeirão São José.

Pela fot. n.º 6 vê-se a paisagem que pode observar aquele que está descendo a estrada pela encosta dos morros em direção ao rio. À frente da ponte vemos uma grande plantação de cana des-



Foto n. 6. — Canaviais.

tinada aos animais e à direita desta (fot. n.º 4) está um dos vários bosques de eucaliptos que a fazenda dispõe, aparecendo depois dele, à direita, nova plantação de cana, mas de proporções bem menores.

A estrada, saindo da ponte, muda de direção, passando então a correr entre o canal e o rio, subindo a encosta de uma pequena colina. No alto dessa elevação e perpendicularmente à estrada está uma alameda que conduz à casa de moradia e demais dependências que constituem a sede.

A manutenção de árvores nas margens dessa alameda, com o fim de sombreá-la e embelezá-la, tem sido um sério problema para o proprietário, pelo seguinte:

Como já foi dito antes, a água recebida pelos morros não se infiltra lá, mas é quasi toda dirigida para o ponto mais baixo, que é justamente o vale do Ribeirão. Ai, infiltrando-se, chega ela a se acumular de tal maneira que, em vários pontos — os mais baixos — vamos encontrar atoleiros. A casa da sede, como está situada sobre uma elevação do terreno, encontra-se em um ponto firme e sêco, mas já as camadas mais profundas não apresentam a mesma secura.

Ora, as árvores plantadas nessa alameda crescem normalmente até certa idade; quando, porém, suas raízes atingem as camadas excessivamente úmidas, apodrecem e a árvore morre. O Sr. Vilela pretende, agora, depois de várias tentativas, experimentar a plantação ali de figueiras, que parecem ser as árvores mais próprias para o caso.



Foto n. 7. — O ribeirão e os eucaliptus.

Deixaremos para depois a descrição da sede.

Continuando pela estrada, vamos agora passar por entre as duas paisagens representadas nas fotografias 7 e 8.

A primeira das fotografias, que representa a paisagem à esquerda da estrada, só nos mostra de mais interessante o pequeno bosque de eucaliptos na margem oposta do rio e, na segunda, que dá uma idéia da paisagem na margem direita da estrada, podemos observar como essa estrada vai aos poucos afastando-se do rio e passando junto ao pequeno engenho assinalado por uma cruz e, logo depois, junto de um “mangueirão” fechado com cerca de arame, por traz do qual vêm-se algumas árvores do pomar.



Foto n. 8. — O engenho e o “mangueirão”.

Mais adiante, à margem esquerda da estrada, está uma casa de colonos toda de tijolos e coberta de telhas; é bem cuidada e limpa. À sua volta vemos o terreiro grande e varrido, sombreado por árvores enormes: essa casa é uma boa amostra do cuidado com que é tratada toda a fazenda.

A seguir, a estrada bifurca-se: seu tronco vai para a esquerda, passando por uma pequena ponte sôbre um córrego afluente do S. José; o outro ramo da estrada passa por uma larga porteira, indo atravessar um grande canavial, também destinado à alimentação dos animais.

Junto desse canavial está a casa dos colonos encarregados do seu cultivo e aí termina êsse ramo da estrada. A casa é espaçosa, arejada por grandes janelas, construída como as demais de tijo-

los caiados e coberta de telhas. Junto à casa, um terreiro grande e limpo, além de várias mangueiras, onde fica o gado que está aos cuidados desses agregados.

Perto dessa casa, em uma baixada, há um terreno alagadiço coberto de vegetação, atravessando o qual encontramos o caminho da caixa d'água que abastece a fazenda.

O tronco principal da estrada segue sempre à meia encosta desses morros despidos de matas, cobertos por uma vegetação rasteira. Algumas árvores isoladas: qualquer aglomerado de árvores chama logo a atenção dentro da paisagem e marca geralmente o local de uma casa de agregado. Estas casas têm quasi



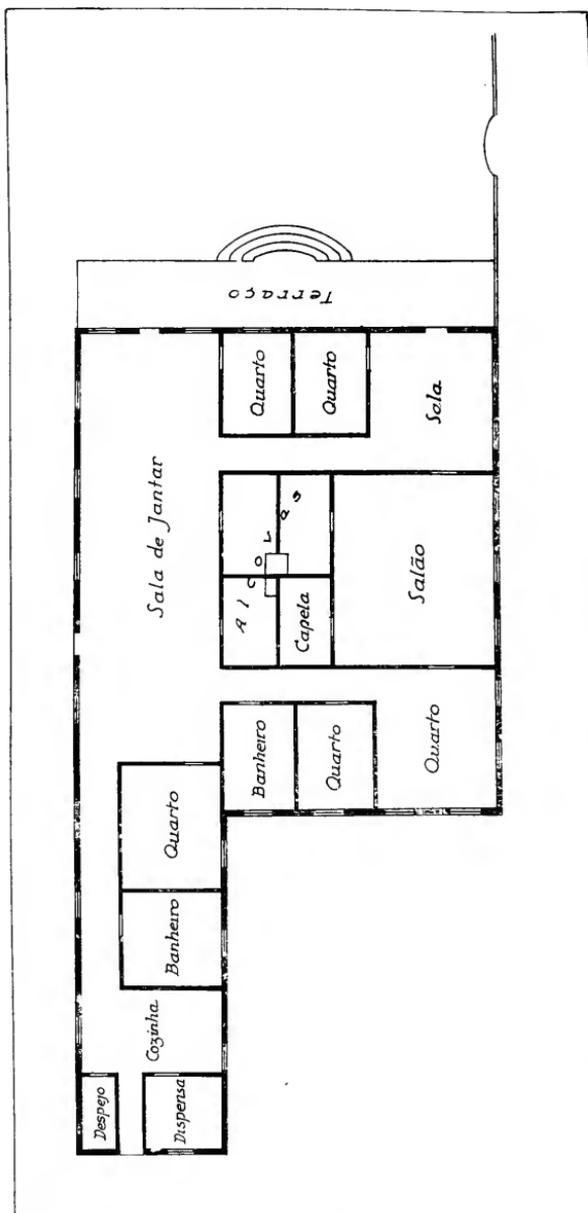
Foto n. 9. — A planície aluvional.

todas o mesmo aspecto: brancas, arejadas, espaçosas e cercadas por um terreiro, tendo ao fundo um pequeno pomar. Ao longo da estrada, encontramos várias delas e, mais adiante, em uma encruzilhada, está uma capelinha que em pouco difere das casas dos colonos: por toda parte sempre as mesmas pastagens verdes, onde uma ou outra primavera põe um colorido alegre.

Esta estrada, de que falamos, atravessa a fazenda de ponta a ponta e, percorrendo-a, podemos observar quasi a totalidade da fazenda, pois esta desenvolve-se muito mais longitudinal que transversalmente a êsse caminho. (Vide planta, pág. 28).

Fica assim, mais ou menos, conhecida a paisagem natural da fazenda, sendo que a parte humana será melhor estudada quando tratarmos do povoamento e habitações.

Vejamos, agora, a descrição da sede.



Piano da sede da Fazenda.

A SEDE DA FAZENDA

A casa da sede é a mesma desde que a fazenda foi fundada; sua sólida construção e diversas reformas que tem sofrido fize-



Foto n. 10. — A sede da Fazenda, tal como era até 1940.

ram dela uma ótima e espaçosa casa de moradia. A sala de jantar enorme, os corredores longos, as alcôvas, os quartos numero-



Foto n. 11. — Aspecto atual da sede da Fazenda.

sos, grandes e arejados, a cosinha espaçosa e conhedora da fatura fazem dela a casa típica do fazendeiro abastado. É pintada

de claro, alegre, ensolarada, rodeada de trepadeiras e árvores que lhe acentuam o aspecto agradável.

A fot. n.º 10 mostra o aspecto que tinha a casa até o ano de 1940, quando, reformada, passou a possuir um amplo e confortável terraço e o pórtico que se pode ver na fot. n.º 11.



Foto n. 12. —
Vista geral da sede
da Fazenda.

Além dessas, a casa teve ainda importantes modificações internas, como a abertura de janelas nas alcôvas, adição de cômodos novos, etc., passando então a possuir o plano que aparece na pág. 18.



Foto n. 13. —
Outro aspecto da
sede da Fazenda.

Como se pode ver nas fots. 12 e 13, a casa acha-se situada no centro das dependências da sede. A primeira das fotografias

mostra as benfeitorias localizadas à esquerda e a segunda, tirada do alto de um morro, permite-nos apreciar não só estas, como também as dependências da direita. À esquerda, junto à casa, está o terreiro de café todo ladrilhado e cercado e, a seu lado, a tulha que se vê na fot. n.º 14. Pelas proporções tanto da tulha como do terreiro, podemos constatar como é de pouca monta na fazenda a cultura de café; ela tem realmente um papel insignificante na economia do “Engenho d’Água”.

Pela mesma fotografia podemos ver, junto à tulha, o estábulo que abriga dois dos reprodutores de gado vacum. O estábulo é amplo, limpo e bem arejado; é de chão cimentado, paredes de tijolos caiados e coberto de telhas.



Foto n. 14. — A tulha e o estábulo.

O engenho, representado pela fot. n.º 15, está um pouco afastado das dependências de que acabamos de falar afim de melhor aproveitar a água de um pequeno regato e localiza-se junto à estrada que corta a fazenda e a que já nos referimos. Nesse engenho é picada a cana para a alimentação do gado, sendo, também, o lugar onde se fabrica ótimo fubá.

Ao lado direito da casa vários currais, estábulos e “mangueiras” estão localizados; a maior das “mangueiras” está ao lado da casa, em frente aos currais e é provida de um grande côcho, onde come o gado. Nos currais próximos são ordenhadas as vacas e feitos os trabalhos do leite, isto é, seu exame, preparo e enlatamento.

Esses currais estendem-se quasi todos em linha reta, perpendicularmente à casa, sendo que um ou outro, desvia-se dessa posição, procurando uma localização melhor.

As “mangueiras” são, em geral, fechadas por uma cêrca toda de madeira, sendo também muito usadas como cêrca, fileiras de bambú que, além de serem muito cerradas e não permitirem a passagem do gado, têm a vantagem de fornecer a êste um abrigo ótimo contra o sol; adiante dessas “mangueiras” e currais estão os chiqueiros e cercados para os porcos.



Foto n. 15. — O engenho de cana.

Junto à casa, mas em direção oposta à dessas dependências que acabamos de ver, está o pomar. A fot. n.º 16 apresenta-o visto pelos fundos, localizado, como a casa, numa baixada. E' de grandes proporções e as árvores estão separadas em grupos segundo sua espécie, merecendo cada uma atenção e trabalhos especiais. E' todo êle fechado por cêrcas de arame farpado e nele encontramos tanto árvores novas como especimens antiquíssimos, que emprestam ao pomar um ar agradável e convidativo.

O cuidado com que é tratado atestam-no as árvores mais variadas e delicadas que aí encontramos, todas em ótimo estado e compensando, com a abundância e qualidade dos frutos, todo o trabalho que requerem: pesseguêiros, mangueiras, jaboticabeiras e laranjeiras, as quais, principalmente as últimas, são muito estimadas e afamadas pela quantidade e qualidade dos frutos que dão.

Todo o pomar é cortado por pequenos canais de irrigação, possuindo ainda um grande tanque onde se pode facilmente conseguir água.

Mas essa feição da sede não é definitiva: o Sr. Vilela pretende afastar da casa de moradia os currais e “mangueirões”, rodeando-a com o maior número de árvores possível.



Foto n. 16. — O pomar.

Acha-se já quasi pronto um enorme silo para milho e capim, que foi construído na encosta de um dos morros que ficam por trás da casa. Além disso, serão feitas novas cocheiras e terá prosseguimento a importante obra de reflorestamento.

O PASSADO

Infelizmente nenhum dado preciso se tem a respeito do passado da fazenda. Qualquer investigação a esse propósito esbarra sempre com dificuldades praticamente intransponíveis. O pouco de que se têm certeza é o seguinte:

A fazenda foi formada há mais ou menos um século por um Sr. Melo, de quem não se tem maiores notícias. Dominava, nessa época, na fazenda, a policultura, com uma certa predominância do chá. Mais tarde, em data que não se pode precisar, mas há bem mais de 60 anos, foi adquirida pelo coronel Francisco Vieira dos Santos. Nesta época, a fazenda tinha apenas 200 e poucos hectares, tendo sido adquiridos vários sítios que lhe aumentaram consideravelmente a superfície. Foi, então, que a fazenda passou a ser de café e tomou o nome atual, que designava também um bairro onde se localizavam 8 sítios; estes foram todos comprados e a ela anexados, tendo desaparecido o antigo bairro.

Passou a fazenda a pertencer aos herdeiros do coronel Francisco dos Santos e foi por eles vendida ao Dr. Paulo de Oliveira Borges, há 50 anos, sendo que este proprietário doou, depois, a fazenda ao Sr. Frederico Nelson Arantes, de quem a fazenda foi comprada, em 1926, pelo seu atual proprietário.

Com as diversas aquisições que os proprietários foram realizando, a fazenda foi se desenvolvendo e os 200 hectares, que tinha na época de sua formação, passaram a ser os 550 de hoje.

EVOLUÇÃO DA CULTURA

Enquanto pertenceu ao Sr. Melo, seu primeiro proprietário, a fazenda foi, como já vimos, uma fazenda de policultura, com a predominância do chá. Essa feição, entretanto, desapareceu e há 10 anos foram extintos na fazenda os últimos vestígios das plantações de chá.

Com o segundo proprietário, iniciaram-se na fazenda as culturas do café, que naquela época era então a maior riqueza da zona. Mais tarde, entretanto, o café deixou o Vale do Paraíba em busca de zonas novas e a cultura na fazenda foi aos poucos diminuindo, até chegar ao que é hoje: uma pequena cultura de 15.000 pés.

Com a decadência do café, começa o gado a ser introduzido na fazenda e quando o Sr. Vilela adquiriu-a, ela já era parte de gado e parte de café, sendo que esta cultura continuou em decadência, dando lugar a um maior desenvolvimento da criação até se transformar na atual grande fazenda de criar, com tendências para aumentar não só sua superfície, mas também seu rebanho.

Pode-se, portanto, dividir a história do "Engenho d'Água" em fases bem distintas:

- 1) A fase da policultura, que se iniciou com sua formação, há mais ou menos 100 anos.
- 2) A fase do café, que começou há 60 anos.
- 3) A fase de transição entre o café e o gado.
- 4) A fase atual.

Não se pode fazer uma separação rígida entre todas essas fases, pois não se deu o caso de cessar bruscamente uma para começar a outra. A primeira fase, por exemplo, podemos considerá-la terminada com a introdução do café; entretanto, até há 10 anos, ainda havia vestígios da antiga predominância do chá.

Essa transição foi muito mais marcada quando se tratou de passar do café para o gado, pois as duas economias chegaram a coexistir em perfeito equilíbrio por muito tempo e, enquanto o café decaía lentamente, aos poucos aumentava a criação, tendo

essa transição entre as duas economias constituído uma verdadeira fase.

Sendo uma fazenda quasi totalmente tomada pelas pastagens e não produzindo senão o necessário para o consumo do gado e pouco café, a fazenda não pode viver em economia fechada; além das relações que logicamente toda fazenda tem que ter com o exterior para dar escoamento aos seus produtos, o “Engenho d’Água” é obrigado a adquirir fora o necessário para seu abastecimento, tanto da sede como da colônia. Trataremos apenas dessas relações no que diz respeito à sede; quanto às colônias falaremos mais adiante.

Como já vimos, a fazenda está localizada próximo à cidade de Guaratinguetá, possuindo para chegar a ela as estradas de rodagem particular e do governo. Nessa cidade é adquirido o sal e o farelo destinados ao gado, bem como as ferramentas e maquinário de que a fazenda necessita.

E’ para Guaratinguetá que se envia a produção de leite da fazenda, assim como a de café; e o gado vendido é embarcado na estação dessa cidade para S. Paulo.

O meio de transporte varia segundo o material a transportar: o leite é levado para a cidade em carros de boi e usam-se caminhões quando é necessário transportar um outro material qualquer, pesado, principalmente material de construção, de que a fazenda sempre necessita, devido aos melhoramentos que continuamente estão sendo levados a efeito. Os carros de boi que levam o leite trazem, na volta, as encomendas feitas: mantimentos para a casa da fazenda, sobretudo.

POVOAMENTO

O “Engenho d’Água” nunca possuiu colonos estrangeiros. Os agregados são todos brasileiros e geralmente nascidos na zona. Alguns moram na fazenda há mais de 10 anos.

Da casa de moradia já tratamos ao falar da sede. Ocupar-nos-emos pois, agora, somente dos *agregados*. Conforme é comum na região, salvo raras exceções, a colônia do “Engenho d’Água” é dispersa. Ai não se encontra, como em outras zonas do Estado, o clássico enfileirado de casas todas iguais. O “Engenho d’Água” possui 15 casas de colonos, isoladas, correspondendo a outras tantas famílias.

A fazenda está toda dividida em “retiros”, possuindo cada um sua casa de colonos, havendo, além dessas, várias outras repartidas de acordo com o serviço que fazem os seus moradores.

As casas não são padronizadas: variam de tamanho segundo o n.º de habitantes e com o cuidado que seus donos lhe dispen-

sam. São todas de tijolos caiados e cobertas de telhas; e aquelas, como a da fot. 17, que escapam a essa regra, têm sido ultimamente demolidas, passando seus habitantes para outras casas construídas ao lado dessas, em melhores condições.

Todas elas, grandes ou pequenas, apresentam um aspecto feliz de bem-estar, por sua localização escolhida em lugares batidos de sol, rodeados de árvores e tendo à frente o infalível terreiro limpo e bem cuidado.



Foto n. 17. — Velha casa de agregado.

Os *camarelas* são divididos segundo o trabalho a que se dedicam: uns cuidam do leite e tratam da ordenha, preparação, enlatamento e transporte para a cidade. Outros ocupam-se com o café, limpeza do cafésal, colheita, beneficiamento, etc. A ocupação principal desses empregados é, entretanto, a criação. Apesar de ser esta a principal atividade da fazenda, não é relativamente muito grande o número de pessoas que ela requer. E' que a criação de gado, se bem que não seja feita extensivamente, não utiliza mão de obra numerosa, pois permite que os que dela se ocupam possam ainda entregar-se a outras atividades, não requerendo, portanto, pessoal à parte.

O número total de empregados da fazenda é de mais ou menos 80 pessoas, entre homens, mulheres e crianças.

Para o concerto e conservação das estradas e para outros serviços extraordinários são sempre empregadas turmas, que trabalham por dia. Já os agregados são pagos por outra forma e recebem salários, sem ter, entretanto, contrato.

Os agregados não possuem gado próprio, mas tem cada família meia quarta de alqueire de terra para suas plantações. Assim, formam eles seus pomares e plantam milho, mandioca, abóbora e feijão para seu próprio consumo.

As plantações para consumo do gado são, também, feitas por eles, mas em terras do proprietário. Ultimamente, devido à carestia da vida, o proprietário foi obrigado a aumentar o salário de seus agregados; desse salário, entretanto, não precisam eles tirar o necessário para ter assistência médica, pois o Sr. Vilela encarrega-se disso: quando algum dos empregados necessita de médico, este é chamado por conta do proprietário. Aliás, com isso o Sr. Vilela não tem tido grandes despesas, pois sendo a região muito salubre, é raro o caso de moléstia entre eles. Por outro lado, são todos vacinados e, tendo bastante saúde, compensam com seu trabalho as despesas que o fazendeiro tem algumas vezes.

Quanto à instrução, os empregados, em geral, sabem ler e escrever, principalmente as crianças, pois ultimamente têm-se intensificado os esforços no sentido de alfabetizá-los. A fazenda não possui escola, mas sendo a cidade muito próxima, as crianças estudam lá e outras frequentam uma escola situada em um bairro perto, o bairro de São José.

A respeito da parte social de sua vida, os que trabalham no “Engenho d’Água” possuem um nível de vida relativamente elevado, tendo boa alimentação, proporcionada por suas próprias culturas, que lhes fornecem legumes, verduras e frutas, tendo ainda leite e carne na própria fazenda. Os colonos adquirem fora somente o que não podem produzir na fazenda: tecidos, utensílios para a casa, sal, etc.; mesmo assim, suas despesas não são grandes.

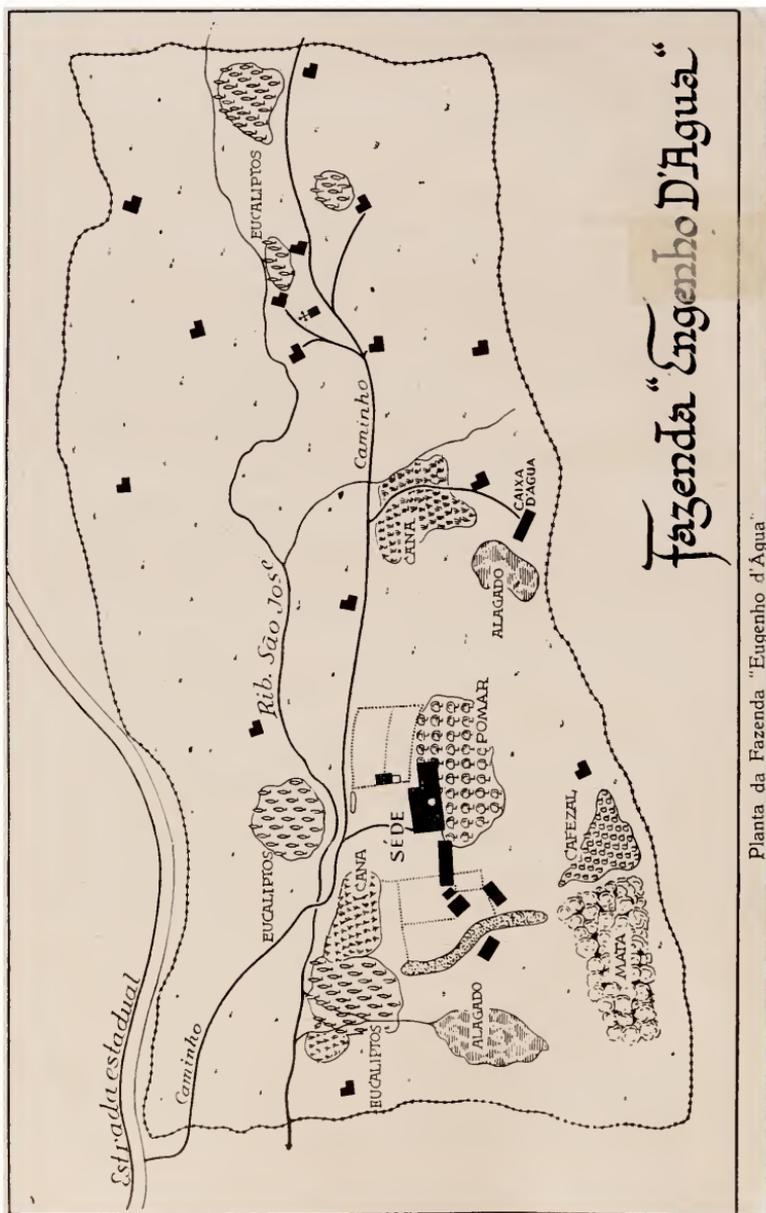
São todos eles católicos romanos, tendo, como é comum não só na região, mas em todo o Estado, grande devoção à Nossa Senhora Aparecida.

Além das igrejas da cidade, que podem frequentar, há na fazenda mesmo uma capelinha de N. S. Aparecida, onde todos os anos, no mês de maio, celebram as festas religiosas tão típicas do Brasil: novenas, resas e terços em honra da Santa-Cruz.

VIDA ECONÔMICA

Agricultura

Além das pequenas culturas feitas pelos colonos e do pomar, a que já nos referimos, a fazenda possui ainda um pequeno cafezal, que representa, entretanto, uma porcentagem muito pequena na economia do “Engenho d’Água”.



Planta da Fazenda "Engenho d'Água"

O cafezal tem apenas 15.000 pés, dando um rendimento de 60 arrobas por 1.000 pés. Foi plantado em terras já adubadas há 10 anos e cada ano adubam-se 5.000 pés, fazendo-se, portanto, o rodízio em 3 anos; nesse cafezal são feitas 4 limpas por ano, sendo que a colheita vai de abril a junho. Apesar da cultura do café ter decaído extraordinariamente na fazenda, como já tivemos ocasião de referir, nem por isso a sua técnica deixou de evoluir e, embora não seja grande a quantidade colhida, os processos empregados para o beneficiamento são os mais modernos.

Criação

A mais importante atividade da fazenda e a sua principal fonte de rendas é a criação de gado *vacum*, que não é, porém, a única espécie de gado ali criado. Cavalos, porcos, muares e aves são também criados, se bem que não em tão larga escala e não dando, portanto, os mesmos lucros.

Tratando da criação de *gado vacum*, temos que salientar que o enorme número de rêses que formam o rebanho do “Engenho d’Água” e que está em completa desproporção com o tamanho da fazenda, não se encontra todo ali localizado, pois boa parte fica em outra fazenda, o “Paiol”, do mesmo proprietário.

As duas fazendas formam um único organismo econômico, apesar de bastante distanciadas uma da outra, pois entre elas está a fazenda “S. José”, de propriedade do Sr. João Rodrigues Alves.

A fazenda “Paiol” é uma antiga propriedade da família Rodrigues Alves, tendo sido adquirida pelo Sr. Leônidas Machado e por este vendida ao Sr. Vilela. Tem mais ou menos 200 alqueires e é completamente desprovida de cultura. Toda ela é uma imensa “invernada”, cortada apenas por algumas matas.

Quanto ao seu aspecto geográfico, o “Paiol” apresenta várias analogias com o “Engenho d’Água”. O clima é o mesmo e o relevo, apesar de bem mais acidentado, pois a fazenda já se acha mais próxima à Serra de Cunha, tem muita semelhança com o do “Engenho d’Água”: os mesmos morros em declive mais ou menos suave, se bem que maiores e mais numerosos, os mesmos vales largos e compridos e solo idêntico.

No que o “Paiol” diferencia muito do “Engenho d’Água” é na parte humana: os empregados têm um nível de vida muito mais baixo, não plantam quasi nada e suas casas são mais pobres e descuidadas. A antiga casa acha-se completamente abandonada, sendo parte dela ocupada pela família de um dos empregados. O Sr. Vilela pretende, entretanto, restaurar essa casa, bem como várias outras dependências mais ou menos em ruína.

Justamente por terem essas construções ficado sem reparo desde há muito tempo, podemos examinar nelas muito bem os detalhes que atestam a sua antiguidade: são feitas de páu a pique e rebôco, as paredes são muito espessas, as portas largas e altas, com bandeira de vidros já bastante danificados. A casa é quasi toda rodeada por um alpendre largo e baixo e as venezianas e portas que dão para fora têm ainda a sua antiga côr azul, já bem descorada. Os “mangueirões”, currais, estábulos, etc., são, entretanto, bem feitos, pois já foram todos reparados e alguns mesmo construidos pelo atual proprietário.

O “Paiol” está situado na margem da estrada Guaratinguetá e é lá que se cria e engorda o gado ainda solteiro, sendo que seu rebanho orça por 350 novilhas. O rebanho todo é de 240 reses.

As fots. 18 e 19 mostram-nos exemplares da raça holandesa pura e a 20 um da raça zebú.

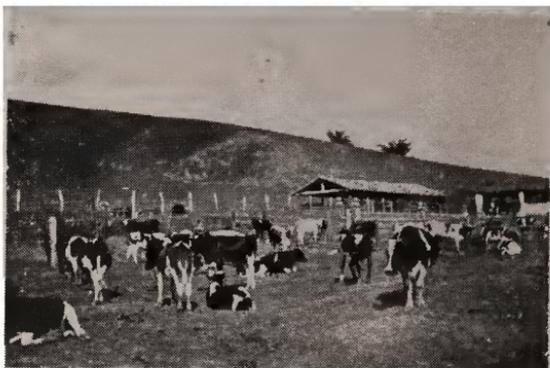


Foto n. 18. — Uma parte do rebanho.

Quando a vaca dá cria, vem para a fazenda “Engenho d’Água”, onde se fazem os trabalhos do leite. Ai os bezerros são desmamados e criados para diversos fins: os machos são vendidos para compradores de vitelo numa média de Cr. \$ 80,00 por cabeça. As vacas, quando vendidas, alcançam de Cr. \$ 800,00 a Cr. \$ 1.000,00, sendo geralmente compradas pelos estábulos da capital. O leite é vendido, em Guaratinguetá, para a indústria de laticínios. A quantidade de leite recolhida diariamente na fazenda orça por 800 litros e o preço não sofre grandes variações; entretanto, na estação sêca, devido à diminuição da produção, há um encarecimento de 20 %. Na estação das chuvas o preço do leite é pouco mais ou menos de Cr. \$ 0,35 o litro e, nas sêcas, o preço sobe, tendo atualmente, devido às condições extraordinárias provocadas

por 3 anos de sêcas, atingido o preço de Cr. \$ 0,62, sendo que para êste aumento também concorreu muito a carestia da mão de obra.

O rebanho atual é composto de gado cruzado, Holandês e Nacional, tendo quasi todo o gado o sangue Holandês. Na fot. n.º 21 vêem-se diversas vacas reunidas para serem ordenhadas.



Foto n. 19. — Exemplar de gado "Holandês".

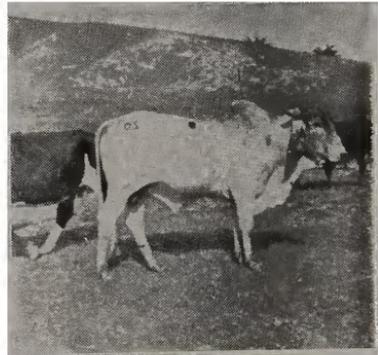


Foto n. 20. — Exemplar de gado "Zebü"

Ha 8 reprodutores, todos puro-sangue Holandês, estando alguns estabulados e outros semi-estabulados. O gado é criado em



Foto n. 21. — Vacas leiteiras.

pasto comum de capim gordura, recebendo na sêca uma ração de cana e farelo de trigo.

Os bezerros são separados em “mangueiras” segundo seu tamanho, havendo os pequenos, médios e grandes. São todos vacinados contra a peste das “mangueiras”, que os ataca até um ano de idade. Contra as intempéries não são tomadas precauções muito grandes, pois, devido à amenidade do clima, não representam perigo sério.

No “Paiol” existem ainda 20 éguas e um reprodutor Mangalarga, havendo vários e belos exemplares da raça equina no “Engenho d’Água”.

Quanto a animais de custeio, há 20 entre cavalos e burros, além de 14 bois de carro.

São ainda criados, na fazenda, porcos de raça Pelada, destinados não só ao consumo interno, mas também à venda; são criados parte em chiqueiro com cobertura e parte em campo, sendo a engorda feita em chiqueirão fechado. Sua alimentação consta de milho, abóboras e mandioca, de produção da fazenda.

Esses porcos, vendidos mais ou menos um ano depois da engorda, alcançam Cr. \$ 50,00 por arroba. Além dos porcos, as aves mais variadas são criadas na fazenda: galinhas para a produção de ovos e para consumo, havendo uma quantidade enorme de pintainhos. Algumas galinhas chegam mesmo a criar patinhos órfãos ou abandonados.

Patos e patas com grandes ninhadas, galinhas de Angola brancas, gansos, marrecos, perús e pombos constituem todos um bando enorme e alegre, que dá uma das vistas pitorescas e agradáveis da fazenda.

Finalizando, podemos acrescentar que a fazenda conseguiu vencer várias crises, como a queda do café na região e a Revolução de 1932, que além da requisição de gado, prejudicou o terreno pela abertura de trincheiras e pela situação anormal que provocou, prejudicando a venda do leite, etc.. Além disso, é preciso notar-se o fato das terras já cansadas exigirem cuidados especiais para poderem dar bom rendimento.

Constatando-se, pois, o inegável progresso da fazenda em face de elementos tão desfavoráveis, temos forçosamente que atribuir ao proprietário e à sua inteligente direção o fato de estar o “Engenho d’Água” em grandes progressos. Realmente, a direção do Sr. Vilela não é uma direção empírica, em que o proprietário entende somente daquilo que aprendeu com a prática. O Sr. Vilela compreendeu bem a necessidade de um fazendeiro ser ao mesmo tempo agrônomo e veterinário e tem se esforçado para penetrar

cada vez mais profundamente no conhecimento dessas matérias; atestam-no os diversos volumes de tratados, manuais e periódicos sôbre cultura, principalmente de eucaliptos e em maior número sôbre a criação de gado.

Com essa direção, a fazenda tem dado sempre bons lucros e encaminha-se com segurança para um progresso certo.

NOTA — O presente estudo é produto da observação pessoal, embora haja sido preciosa a colaboração do sr. Joaquim Vilela de Oliveira Marcondes, proprietário da fazenda, e de sua filha, srta. Yolette de Oliveira Marcondes.

UM RECANTO DA CANTAREIRA: GOPOÚVA

Maria Galdina A. Xavier.

A cadeira de Geografia do Brasil, no decorrer de 1943, encaminhou seus alunos à realização de pesquisas na região da Cantareira, local cheio de interesse geográfico e relativamente acessível nesses tempos de tantas dificuldades em matéria de transportes.

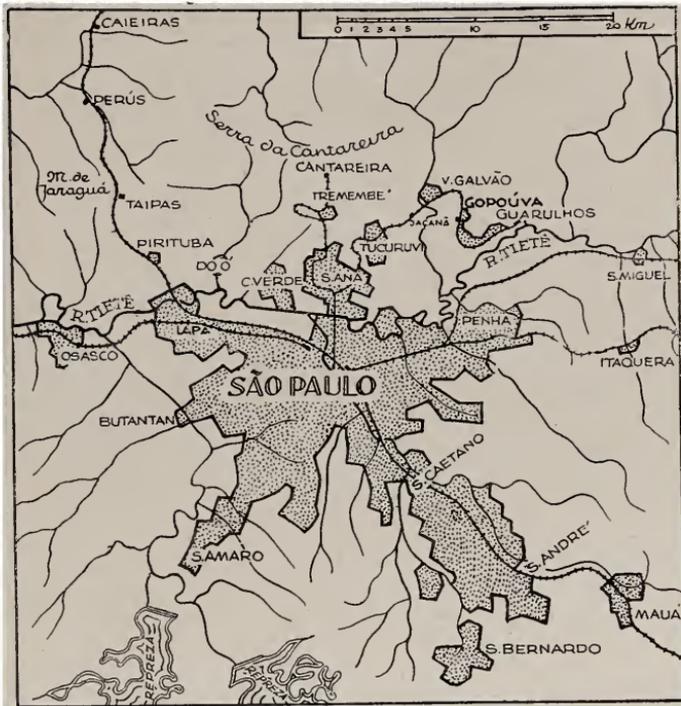
Domina essa região a *serra da Cantareira*, que faz o papel de moldura natural da cidade de São Paulo, para os lados do norte, alteiando-se na linha do horizonte através de cristas de altura uniforme, que ultrapassam muitas vezes a cota dos 1.000 metros. Constituem-na terrenos muito antigos, pre-devoneanos, em que são abundantes formações da série de São Roque (xistos, filitos, quartzitos) e, notadamente, granitos. Os granitos da Cantareira ocupam, de fato, uma vasta área na região; assemelham-se aos de Pirituba, embora os haja de outros tipos (Tremembé, Vista-Alegre) e fornecem belos exemplos de "matações".

Toda a vertente meridional da serra, voltada para a Capital paulista, é regada por uma série de rios, ribeirões e córregos, tributários do Tietê: o córrego Mandaqui, o rio Guapêra, o ribeirão Tremembé, etc. Chuvas abundantes, trazidas pelos ventos oceânicos, alimentam esses cursos d'água, que se multiplicam sobre as formações graníticas. São elas, também, que explicam a presença da exuberante mata tropical que encobre toda a serra, virgem em áreas enormes, que o Governo do Estado procura reservar cuidadosamente.

Porisso, é a Cantareira um dos velhos e mais importantes fornecedores de água para a população paulistana. De fato, desde 1882, os mananciais da serra passaram a servir a Capital, graças aos trabalhos levados a efeito por uma empresa fundada cinco anos antes e encampada pelo Governo Estadual em 1892. Independente disso, numerosas fontes são exploradas por particulares e fornecem excelente água, que é vendida em garrafas na Capital (como a Fontalis, a de São Pedro, a Bandeirantes).

Mas a Natureza foi pródiga em relação a esse recanto das vizinhanças de São Paulo: concedeu-lhe um clima admirável, verdadeiro clima de montanha, excelente para todos quantos necessitem de repouso e de ar puro. Por isso mesmo, multiplicam-se pela região as residências confortáveis, próprias para descanso, e os hospitais e sanatórios, sobretudo para tuberculosos (Jaçanã, Mandaqui); e já houve quem a chamasse "a Suíça paulistana"...

Nessa região vive uma população de mais de 22.500 habitantes, dos quais 16.000 são brasileiros. Dos elementos estrangeiros, mais da metade é constituída de portugueses (3.500); seguem-se os italianos (900), espanhóis, alemães, húngaros, russos, japoneses, sírios. Vivem notadamente da



A cidade de São Paulo e a região da Cantareira

agricultura, em chácaras bem cuidadas, quando não exercem sua atividade na própria Capital.

As comunicações com esta fazem-se através de linhas de ônibus e por pequenos trens, hoje sob o controle da Estrada de Ferro Sorocabana. Em 1941, os ônibus transportaram 2.566.793 passageiros, ao passo que os trenzinhos conduziram 4.404.293!

Nada mais original do que esse trem liliputiano, com bitola de 60 cm. Foi criado, em 1894, para conduzir o pessoal que servia na Represa da serra; mas, desde 1901, viu-se transformado em via-férrea para passageiros, embora sob a modesta denominação de "Tramway" da Cantareira. Hoje, seus 35 km, de linhas não sómente servem a região de Tremembé e da represa da Cantareira, como encaminham-se pela encosta da serra e vão alcançar Guarulhos. Embora mal aparelhada, essa pequena via-férrea presta um grande serviço à laboriosa população que ali vive; seus pequeninos vagões, abarrotados e sem conforto, conduzem diariamente de 12.000 a 14.000 pessoas.

Numerosos aglomerados pontilham as encostas da serra, ao longo da via-férrea ou alojados nos vales. Os mais pitorescos ficam na direção do

norte: Mandaqui, Horto Florestal, Tremembé, Cantareira. Entretanto, mais povoado é o trecho de nordeste, que acompanha de longe a calha do Tietê: Parada Inglesa, Tucuruvi, Vila Mazzei, Jaçanã, Vila Galvão, Gopoúva, Vila Augusta, Guarulhos.

Po's é justamente um pequeno recanto dessa encantadora região — Gopoúva, que vai ser focalizado no presente estudo, de autoria da licenciada *Maria Galdina Xavier*, da turma de 1943. — A, de A.

SUMÁRIO

I — Introdução.

II — Aspectos físicos do lugar: relêvo, hidrografia, clima, vegetação.

III — Aspectos humanos: movimentos de população, seu crescimento, povoamento, ocupação do sólo, comércio, indústria; vias de comunicação.

IV — Conclusão.

I. INTRODUÇÃO

Todo trabalho de pesquisa absorve e entusiasma paulatinamente, e cada vês mais, aquele que o executa. Foi o que aconteceu conosco neste trabalho. A primeira vez que, depois de uma hora de viagem penosa, descemos na vila de Gopoúva, tivemos a impressão de que, daquele amontoado de casas velhas e discordantes, nada havia a dizer. Pouco depois, regressávamos a São Paulo desanimada. Mas o trabalho precisava ser feito e tornamos a ir e tornamos a voltar lá inúmeras vezes. Com grande surpresa para nós, nunca se findava o que era preciso ver. E à medida que iam os conhecendo a vila, compreendíamos a sua vida e deixávamo-nos empolgar por ela. Passamos a admirar Gopoúva e a singeleza de vida dos seus habitantes; compreendemos que não só lá, mas em numerosos centros tranquilos que existem à margem da dinâmica capital de São Paulo, vivem os homens uma vida tranqüila, sadia e quase sem ambições. Por isso mesmo, são mais felizes. Compreendemos, também, que aquilo que, de início, nos parecera apenas um amontoado de casas, tinha uma história e que essa história transformava a desordem numa distribuição ordenada, sincrônica com o ambiente geográfico. O relêvo e fatores humanos determinaram o tipo de povoamento de Gopoúva. Vimos também que, dentro de suas casas, moram paulistas que pensam, trabalham e vivem uma vida que é uma consequência da que se processa na cidade de São Paulo, mas muito

diferente da dos que vivem em São Paulo. Compreendemos, em resumo, que havia muita coisa a dizer.

Ao escrever o trabalho, notamos aqui e ali lacunas em nossas observações. Se o tempo fosse muito maior para realizá-lo do que aquêlo que dispuzemos, lá voltaríamos ainda, inúmeras vezes, e só então poderíamos dizer: conhecemos a vila de Gopóúva.

II. ASPECTOS FÍSICOS

O aspecto físico de Gopóúva é de extrema beleza e bastante simplicidade. Uma série de colinas verde-claro, muito suavemente onduladas; de um lado o horizonte limitado pelos contornos escuros da serra da Cantareira, de outro o olhar se perde no infinito, vendo sempre o mesmo verde, sempre as mesmas colinas, sempre a mesma solidão. O ar é puro e um vento fresco corre sempre, dando-nos, nos dias de calôr intenso em São Paulo, uma bôa impressão do seu clima e fazendo-nos, nos dias frios, tirar ainda mais. Em qualquer casa encontra-se água fresca e limpa, extraída de poços de 30 metros de profundidade, os mais profundos.

RELÊVO. — Infelizmente não existem para o município de Guarulhos as cartas aerofotogramétricas em escalas de 1:5.000 e 1:10.000, com que São Paulo já conta. E o estudo é muito regional para que possamos tirar conclusões baseadas na única carta que existe na prefeitura de Guarulhos. O que podemos dizer é, pois, baseado na observação, feita pela aplicação de estudos generalizados sobre os tipos de terreno onde a vila se ergue.

Em primeiro lugar procuraremos estudar essa região quanto à sua origem. Veremos, em seguida, as rochas constitutivas, para depois, com esses dois elementos, estudarmos o relêvo atual. Veremos agora as rochas quanto à origem.

ORIGEM DO TERRENO. — Seus terrenos parecem pertencer a uma série de depósitos recentes. São terrenos argilo-arenosos, de fraca consistência e côres variegadas.

Sua disposição aparece sempre em perfeita horizontalidade, formando arquiteturas tabulares. Essa disposição e a natureza das rochas nos levam a classificar a região como pertencente às camadas terciárias de São Paulo.

Várias razões parecem indicar que essas camadas pliocênicas formam as colinas características do terciário.

Alem destas colinas, podemos notar em alguns vales da região, mas não em todos (note-se bem), deposição de um material diferente, que pertence ao quaternário. O quaternário aparece,

às vezes, também, sôbre ou entremeando as camadas terciárias, sendo constituído de areias, cascalhos e seixos rolados. Suas côres são sempre pálidas.

Os sedimentos, tanto quaternários como terciários, são, na sua maioria, friáveis e só localmente sua consistência é aumentada. A mistura de areia e argila apresenta variações, das quais podemos distinguir alguns tipos como: argilas, argilitos, areias, cascalhos e formações limoníticas.

As argilas e argilitos apresentam-se sempre muito plásticos e denotam uma evolução bastante adiantada. Ha, em diversas regiões, óxido de manganês e óxido de ferro e é segundo a maior ou menor porcentagem destes elementos que a rocha apresenta uma gradação enorme de côres. Podemos notar que as côres, às vezes, obedecem a uma verdadeira estratificação.

As areias aparecem sempre associadas à argila e apresentam coloração amarelada devido ao limonito.

Os cascalhos aparecem como seixos rolados, com diâmetros de 1, 2 e 3 mm.

SEDIMENTAÇÃO. — A presença de leitos de estratificação indica que houve sedimentação aquosa. Não ha fósseis nem nenhum vestígio de um meio salino e tudo indica uma sedimentação de água doce. A ausência de material grosseiro elimina a hipótese de correntes violentas. Devemos considerá-la como uma sedimentação de águas rasas, com influência do vento.

TOPOGRAFIA ATUAL. — Esta surgiu da erosão posterior ao movimento epirogênico que se realizou no plioceno. É um fenômeno de grande generalidade em todo o território brasileiro.

Devido à natureza plástica das argilas, sofrendo a ação das águas correntes, foi se delineando o relevo que, atualmente, está em adiantado estado de evolução.

Não podemos considerar a região como peneplanisada e com o ciclo de erosão completamente terminado. Pelo seu aspecto e pelo trabalho que as águas ainda executam, cremos ser melhor considerá-la como estando no estado de maturidade.

Uma vez localizado o relêvo e tendo-o estudado regionalmente, vamos procurar estudar o relêvo sobre o qual se ergue a vila, isto é, fazer um estudo local tão detalhado quanto possível.

Quem vem de Guarulhos, por qualquer das duas estradas, nota a existência de uma bacia de captação, limitada ou organizada por uma série de 5 colinas principais. As estradas foram traçadas entre o vale e o ponto mais alto das colinas, tanto de um

como de outro lado desta bacia. Ela dá origem a um córrego de importância tão pequena que não recebe denominação alguma. Muitos habitantes do lugar desconhecem sua existência.

Na outra vertente, e circundada por outras colinas, ha um novo córrego. E, por fim, do outro lado da vila, em terrenos pertencentes ao hospital, há também uma nascente. Três nascentes principais ao todo e inúmeras secundárias.

Tratamos, assim, junto com o relêvo, da hidrografia. Cada uma destas nascentes corresponde a um agrupamento humano com certos elementos diferentes. Um volta-se para Guarulhos, um para Vila Galvão, outro para o Sanatório "Padre Bento". Veremos isto melhor ao estudarmos o povoamento da região.

CLIMA. — Por ser uma região vizinha a São Paulo, com o mesmo relêvo e na mesma altitude, não poderia deixar de ter um clima senão idêntico nos seus detalhes, pelo menos igual nos seus aspectos gerais. Como não há ali um posto meteorológico, não nos foi possível estabelecer as prováveis diferenças com precisão. E' excusado, pois, falar sobre uma cousa tão generalizada, quando o que estamos fazendo é um estudo regional. Diremos, entretanto, que não há um único termómetro na vila de Gopoúva própria-mente dita. No Sanatório há um engenheiro, ora internado, que se dedica a uma observação metódica da temperatura e da umidade do ar. Baseados nesses dados e nas suas palavras é que afirmamos a identidade com o clima de São Paulo. Isto é, lá como aquí, os meses mais quentes são janeiro e fevereiro; o mais frio é julho. Pluviosidade máxima nos meses de verão e raramente sêca absoluta nos meses de inverno.

As cifras que conseguimos obter são baseadas em observações de três anos feitas em um termómetro centígrado de mercúrio e um higrómetro de fio de cabelo, marca Achevet, fabricação Vinholi.

TEMPERATURA.

Mínima absoluta: 1º — em julho de 1942.

Máxima absoluta: 40º — em janeiro de 1942 (?).

Oscilação máxima num período de 24 horas foi de 16º (mínima 18º e máxima 34º), observada no verão.

Temperatura frequente nas manhãs de inverno: 5º.

A oscilação térmica diária, no inverno, é de 10º a 22º.

UMIDADE DO AR. — E' aí que notamos maior diferença com o clima da cidade de São Paulo, atribuída pelo observador à diferença de localização da Serra da Cantareira.

A chuva é relativamente bem distribuída durante o ano inteiro. As máximas e mínimas absolutas são respectivamente 98 % e 30 %. A variação quinzenal vai de 40 % a 80 %.

São esses os únicos dados certos que pudemos colher.

Todos afirmam que, existindo sempre lá um vento fresco, não se verificam os grandes calores da cidade de São Paulo. Mas isso parece ser causado, em São Paulo, pela aglomeração urbana, não sendo um característico climático.

VEGETAÇÃO. — A vegetação natural, atualmente, é muito pobre. Todos os terrenos incultos acham-se cobertos por um intrincado de arbustos, com mais de 10 espécies, segundo verificamos, vegetação esta que não presta para nada. Para combustível é extremamente raquítica, para alimentação do gado é muito agreste, sendo rejeitada. Em alguns lugares, devido à maior pobreza da terra ou a algum beneficiamento por ela recebido, desaparecem esses arbustos e aparece uma gramínea de 20 a 30 cm. de altura, entremeada, aqui e acolá, de espécies mais altas. Nestes terrenos pastam as pouco numerosas réses da região.

A população fala da existência de mata devastada já há alguma dezena de anos. Se essa mata existiu, o que nos parece pouco provável, devido à natureza do terreno, dela não há, entretanto, hoje, o menor vestígio.

Uma vez estudados dentro das possibilidades do momento os aspectos físicos, vejamos agora o que se pode dizer sobre o homem que a habita, sua vida, seus costumes.

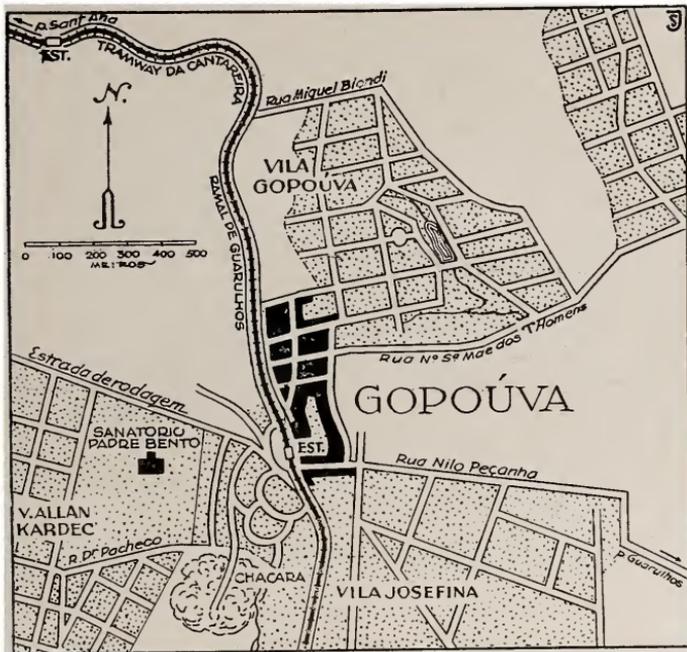
III. ASPECTOS HUMANOS

Gopouva é considerada um bairro do município de Guarulhos. Seu nome é originário de uma árvore — *Kupa-ya*, ou seja árvore-depósito. É uma alusão à capacidade que tem o tronco desta árvore de guardar “em depósito” abundância de óleo balsâmico medicinal precioso, para cuja extração a época apropriada é a dos grandes calores.

Kupai(b)a — *Kupai(v)a* — *Kupa(u)va* — *K(o)pauva* — *Gopouva* — parecem ser as transformações pelas quais a palavra passou.

Se a transformação se verificou no local, não conseguimos saber; o mais provável, porém, é que a escolha do nome, já assim transformado, tenha sido feita arbitrariamente. A vila está situada entre o parque balneário da Vila Galvão e a sede do Município, distando deste 1.200 metros e daquele 2.500.

Foi fundada em 1914 e, a princípio, tomou grande impulso devido à “Companhia de Melhoramentos de Gopouva”, que comprou grande área de terrenos, loteados e vendidos em prestações, tendo havido grande procura devido às boas condições de compra. Eram baratos por estarem longe da capital. Essa grande procura teve como causa o fácil acesso à Capital por estrada de ferro:



Planta de Gopoúva.

o "Tramway" da Cantareira, então inaugurado, e por estrada de rodagem, via Guarulhos.

Gopoúva progredia diariamente; casas de ótica construção, que ainda hoje ali se encontram, foram levantadas. Havia a preocupação de luxo na arquitetura. O bairro prometia e mais ruas foram traçadas. Surgiram, então, a capela, o armazem, o bar e campo de futebol. Em 1929, apenas 15 anos depois da sua fundação oficial, Gopoúva já tinha na parte da zona urbana iluminação pública e particular. Eis que, em 1930, foi o Sanatório "Padre Bento" erguido em zona do perímetro urbano, sanatório este destinado a abrigar os que sofrem do mal de Hansen. Com a construção do Sanatório houve uma modificação total no ritmo do progresso da vila, a que faremos referência ao tratar dos movimentos de população.

O traçado da vila obedeceu a um plano, idealizado e executado pela companhia proprietária dos terrenos. A essa causa deve

ser atribuída a sua planificação geral, que pode ser notada na carta da pág. 41.

Em Gopoúva, todas as ruas são bastante largas, retas e se cruzam formando quadriláteros que, quando o relevo permite, são quadrangulares ou retangulares. Notamos, também, que os quarteirões, quanto ao seu tamanho, podem ser considerados como grandes na parte norte da vila e pequenos em sua parte sul. A esse maior ou menor tamanho dos quarteirões corresponde um determinado tipo de propriedade. Assim, vamos encontrar, nos quarteirões pequenos, o que poderíamos chamar de propriedade urbana e, nos grandes, um tipo de propriedade de transição entre a região urbana e a rural, que são as pequenas chácaras e granjas de recreio ou mesmo de moradia. É preciso notar que a única distinção que podemos fazer aí entre propriedade rural ou urbana é sobre o modo de ocupação do solo. Não nos é possível, por exemplo, usar o critério de densidade de população, pois é fracamente povoado e seríamos levados a incluir um pedreiro que trabalha nas construções de arranha-céus em São Paulo como um indivíduo ruralista. Desta forma, uma série de critérios foram eliminados e adotamos, por fim, o seguinte: o modo de ocupação do solo. Se o proprietário vive da produção da terra, isto é, planta legumes, hortaliças ou frutas, sua propriedade é *rural*. Se pelo contrário o morador, embora plante para si, tem uma atividade relacionada com um centro urbano, é um proletário e podemos considerar sua casa como uma residência *urbana*. Um conjunto de residências de homens com profissões liberais, operários, escriturários, enfim todos ligados a uma atividade urbana, é uma zona urbana, embora suas casas apresentem-se dispersas.

Em Gopoúva, sob esse ponto de vista, podemos distinguir a zona urbana e a zona rural, às vezes nitidamente, outras se entrosando no espaço.

De maneira geral, podemos dizer que a propriedade urbana se coloca nos dois núcleos mais antigos da cidade ou seja nas partes elevadas das colinas, em que estão a estação e a fábrica; e que a propriedade rural, aliás, muito menos numerosa, está nos vales, nas zonas mais distantes da estação.

Essas duas zonas, que acabamos de citar, não têm a mesma idade.

A mais antiga se estende próxima à estação e, hoje, é uma zona decadente devido à proximidade do Sanatório. As casas, grandes, luxuosas, cercadas de jardins, estão velhas e maltratadas. Aparecem, mesmo, algumas casas assobradadas. A zona próxima à fábrica e à igreja é a progressista. Ali as casas são ainda mais espalhadas, embora ergam-se aqui e acolá casas novas, indicando que é este o trecho em que se faz o crescimento da vila.

Quanto ao tipo de construção local podemos notar, além das casas típicas do proletário paulista, bem conhecidas, algumas de tipo nórdico. Traves de madeira escura enfeitam a fachada principal, pintada geralmente de amarelo claro ou branco. Teto e telhado muito inclinados, permitindo a existência de um sótão com abertura para a rua, janelas floridas, cortininhas brancas, jardins caprichados. São casas habitadas pela gente mais abastada de um antigo núcleo alemão.

POPULAÇÃO. — A população foi calculada pelo Sr. Álvaro Silva Júnior, agente municipal de Estatística do município de Guarulhos, em 980 habitantes aproximadamente, na vila, e 884 no Sanatório. Aquela população resultou de uma imigração constituída por elementos heterogêneos, entre os quais, além de brasileiros, podemos salientar alemães, sírios e italianos. Depois de 20 anos de rápido progresso houve a “débacle”, devido às causas já estudadas. A Companhia faliu. Houve um período de emigração rumo a uma vila próxima e promissora: Vila Galvão, que recebeu esses elementos e progrediu, enquanto que Gopouva quase não lograva subsistir a essa crise.

Em Gopouva ficaram aqueles que, sendo muito pobres, não podiam perder o terreno e a casa, às vezes com tanto sacrifício adquiridos. Ficaram também os ambiciosos e os que sobrepõem interesses econômicos aos pessoais. Vemos que os habitantes antigos do lugar são muito raros e compõem-se de sírios ou pessoas sem recursos ainda hoje. Esses sírios, sendo comerciantes, perderam um mercado, o dos moradores do lugar, mas ganharam outro, também bastante lucrativo, representado pelo gasto das pessoas que vão visitar os parentes no hospital. Outros são comerciantes em São Paulo, mas continuam residindo lá. A maioria emigrou e houve os que chegaram a demolir casas recém-construídas para aproveitar o material e reedificá-las noutros lugares. Os mais abastados abandonaram simplesmente a moradia, nunca mais voltando a por os pés naquele lugar; vemos, então, um aspecto interessante: casas ótimas com lindos pomares, jardins abandonados, habitadas por “zeladores” que nada pagam nem recebem e que procedem como se fossem donos do lugar. E a sua frase é sempre a mesma: — “O patrão há 12 anos não vem cá; às vezes escreve, mas é raro; êle não se interessa por isso; quando há fruta boa, mandamos às vezes uma frutinha para êle provar...”

Atualmente Gopouva cresce outra vez, não mais naquele ritmo de outróra, mas com muita lentidão. As causas deste ressurgimento são múltiplas e conjugadas. Em primeiro lugar, a existência da estação de estrada de ferro, facilitando as comunicações

com São Paulo, ao lado de terrenos que permaneciam extremamente baratos em comparação aos terrenos de outras estações.

Quando não se trata de adquirir um terreno, mas simplesmente de alugar uma casa, há também em Gopoúva a vantagem do preço sobre todas as outras regiões. A causa deste baixo preço já nos é conhecida.

Podemos ilustrar o que dissemos com dois exemplos típicos.

Visitamos uma chácara um pouco afastada da estação com uma placa à porta — “Chácara Carvalho”, entrada em estilo elegante, à frente limitada por plantação de pinheiros muito bem podados, 9.000 m², plantação de videiras, pereiras e laranjeiras,



Foto n. 1 — Gopoúva: aspect: parcial.

alugada a um advogado (que trabalha em São Paulo) por Cr.\$ 100,00!!

Visitamos uma outra, próxima à estação, geminada, porém com jardim e quintal, cujo aluguel era de Cr.\$ 80,00.

Esta é a principal causa do renascimento da vila, que atualmente possui 980 habitantes, 197 casas no perímetro urbano e 100 casas fora do perímetro central.

A zona de maior agrupamento é a rua que sai da estação e prossegue como estrada para Guarulhos. Mesmo assim (como podemos verificar pela fotografia) as casas não são em grande nú-

mero e a rua pròpriamente dita é constituída por 2 quarteirões apenas. Ao todo há aí 8 casas de frente, cujos moradores se dedicam ao comércio, e algumas edificadas dentro do terreno com jardim na frente. E' nestes prédios que se localiza quasi todo o comércio da cidade. A fotografia mostra-nos tambem a instalação da rede de electricidade e os focos de iluminação da rua. Esta não é calçada, como nenhuma das lá existentes. Ha, porém, uma turma de conservação.

Aí estão estabelecidos um barbeiro, 2 empórios (próximo ao hospital há um terceiro), uma quitanda, uma oficina mecânica, um dentista, uma casa de "snooker", uma casa de loteria. Os prédios são todos como o que aparece no primeiro plano: edificios sem divisões internas, cobertos com telhas francesas, os mais novos, portuguesas os mais antigos, com duas portas abertas para a rua. Entre um prédio e outro, muitos metros de terreno cobertos por vegetação hostil e pobre, que cresce livremente. E assim é a vila: uma sucessão de casas e campo; para se ir de uma casa à outra, freqüentemente, é necessário caminhar 300 metros. Entre seus edificios mais importantes estão a estação de estrada de ferro (da qual falaremos ao tratar dos transportes), a igreja e o prédio onde funciona o grupo escolar, que era antes o salão de festas e hoje, às vezes, ainda serve como tal.

A igreja apresenta um aspeto muito pitoresco, pois ergue-se sòzinha, isolada no alto de uma colina. E' de construção recente e bem conservada. Muito clara e enfeitada, mas sem luxo, o que retrata as possibilidades económicas dos paroquianos. Não ha pároco e é um sacerdote de Guarulhos que vai rezar a missa domingueira. E' o único centro de reunião continua da população. Existe uma associação para moças e uma para crianças. As moças, de manhã, vão à missa e, à tarde, à reunião ou ao catecismo. Os rapazes reúnem-se com trajos domingueiros no "snooker": às vezes, um toca um pouco o violão. E assim passa-se o dia de descanso.

Os mais favorecidos e, principalmente, as crianças, vão de vez em quando à "matinée" do cinema de Guarulhos; meia hora de caminhada ou uma viagem pelo trenzinho, não importa, qualquer meio serve para realizar uma cousa que dará tanto prazer. Enfim, há ainda uma pequena minoria de famílias, cujos filhos ou às vezes a familia inteira, vem passear em São Paulo todos os domingos. Essas constituem, naturalmente, a nata da sociedade de Gopoúva.

A vila, porém, nos domingos, é muito animada, pois recebe e hospeda por algumas horas uma multidão vinda de muitos lados, às vezes de longe, do interior, para visitar os parentes internados no hospital. O diretor deste calculou em mais de mil os que vêm

no trezinhos aos domingos. É gente que chega disposta a gastar e os bares e armazens preparam sanduiches e petisqueiras, na certeza de que a fêria será compensadora. Com a nova lei, alguns ficaram prejudicados mas não demoraram em abrir ao lado um pequeno bar que possa funcionar aos domingos.

Na escola há 40 alunos ao todo; funciona numa única sala, antigo salão de baile do lugar, com 4 amplas janelas e com espaço sobrando. Quase todos os alunos estão sentados sobre carteiras escolares de 2 lugares. Mas não há carteiras para todos e uma turma se reveza em bancos de caixão. A professora afirma que todas as crianças da redondeza frequentam a escola e que os pais procuram fazê-las frequentar desde que suas possibilidades econômicas o permitam. Não há, pois, crianças analfabetas no perímetro urbano, o que pude constatar por "enquetes" ligeiras, feitas depois de longa prosa fiada. A escola não possui 4.º ano e, por isso, muitas crianças se deslocam diariamente para Guaruhos ou Tucuruví, afim de cursá-lo.

O que nos admirou muito, porém, foi o aspecto saudavel de todos os alunos, bem como as suas roupas muito limpas, bem conservadas, denotando sobriedade. Fui instintivamente levada a fazer comparação com as classes que deparamos ao visitar, certa vez, um grupo da Bela Vista, onde as crianças na sua maioria eram pálidas, paradas, denotando extrema debilidade, o que atribuímos ao fato de muitas delas morarem em porões sem luz ou em habitações coletivas.

A esse fator *habitação* podemos tambem acrescentar o da *alimentação*, pois o proletário que paga pouco pelo aluguel tem mais dinheiro para comprar alimento e tambem porque numa casa com quintal, sempre há uma plantação que ajuda a alimentar sem gasto.

Entre os alunos notamos 22 filhos de brasileiros, 6 de italianos, 4 de japoneses, 3 de sirios, 3 de portugueses, 1 de alemão e 1 de espanhol.

É preciso notar que a escola rural foi aberta quando o governo obrigou o fechamento duma escola alemã, que então existia; por este motivo, os pais alemães retiraram seus filhos desta escola, mandando-os estudar, os que podem, em São Paulo.

Tirando essa parte escolar, a vida intelectual é completamente nula. Ficamos, na realidade, surpreendidos com a rudeza dos moradores, tanto mais quando, havendo acompanhado colegas a outros lugares, pudemos estabelecer comparações. Com exceção dos livros escolares, não há um único livro à venda, não há um único habitante que possua biblioteca e, dos que pertencem ao núcleo central, só um médico, antigo residente no lugar, dedica-se a alguma leitura.

Ao fato de morarem nas adjacências de um Sanatório para leprosos, atribuímos a extrema desconfiança que revelam.

Este fator psíquico torna-os até hostis, apesar de quererem receber com amabilidade. Uma rudeza extrema, acima da normal na nossa zona suburbana, é o traço que temos que deixar aqui bem marcado.

Mesmo o cinema é muito pouco freqüentado. Houve uma dificuldade enorme para, conversando com os antigos residentes, fazê-los falar sobre a vila antiga, progressista e animada, com círculo social, pois parece-nos que querem encerrar para sempre este passado morto. Enfim, conseguimos saber o pouco que aqui deixamos.

Em estreita interdependência com esse agrupamento que acabamos de descrever vive um outro grupo humano, constituindo a metade do total de habitantes da vila. São os 884 hansenianos internados no "Padre Bento". Este agrupamento é anormal e prende-se de causas econômicas ou geográficas, que o justifiquem. Entretanto, ele representa um esteio econômico para a Vila, pois muitos dos seus habitantes aí trabalham.

Vejamos agora a parte econômica de Gopoúva, seu comércio, sua indústria, seu meio de vida.

VIDA ECONÔMICA. — Já dissemos que Gopoúva pode ser considerada, antes de tudo, um centro de atividade urbana, ligado à Capital principalmente, e a outros núcleos de povoamento, em segundo plano.

Afirmamos isso baseados numa estatística feita entre os alunos da escola e uma "enquete" feita em algumas casas do lugar. Na escola, interpelamos 27 alunos, dos quais 16 têm pais que trabalham fóra e tomam o trem diariamente; 5 cujos pais trabalham em Gopoúva como barbeiro, chacareiro, guarda-chaves do trem, operários da fábrica de rendas, pedreiro; e 6 no Sanatório.

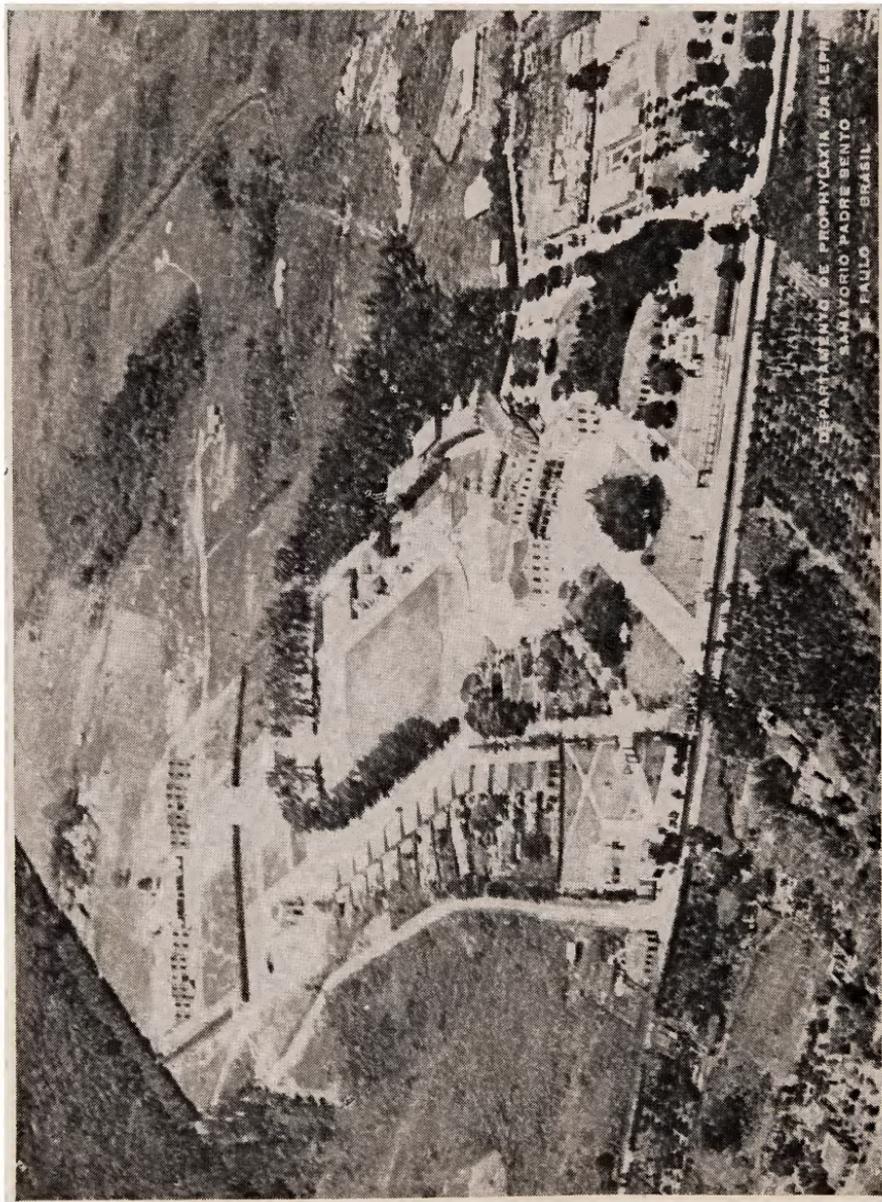
Por essa estatística, embora feita em número muito pequeno, podemos ver quais são os sustentáculos econômicos do lugar.

INDÚSTRIA LOCAL: A FÁBRICA DE RENDAS. — Esta fábrica tem um capital de Cr. \$ 355.000,00. Emprega como matéria-prima fios de algodão — 6.875 Kg.; fio de rayon — 216 Kg.; viscosa vegetal, crina vegetal e elástico — material esse importado de São Paulo, por estrada de rodagem, em caminhões próprios.

Ela fabrica anualmente:

Rendas de algodão — 1.090.651 ms. no valor de	Cr. \$ 360.000,00
Rendas de rayon — 107.976 ms., no valor de ...	Cr. \$ 32.392,00

Possue 26 teares de rendas e 12 de tranças, 2 espuladeiras e 1 passadeira, 9 motores elétricos com 42 H.P.



Vista geral do Sanatório Padre Bento.

A fábrica está instalada num amplo prédio, com 13 janelas contínuas laterais e sem divisões internas de tijolo.

O capital aí empregado está assim distribuído:

Em terrenos e edifícios	Cr.\$ 344.765,30
Em instalações	Cr.\$ 139.502,70
Diversos	Cr.\$ 12.000,00

Dispõe de 40 operários, todos residentes em Gopoúva, 20 homens e 20 mulheres. Funciona dia e noite, estando os operários divididos em 3 turmas.

Possue 2 empregados de escritório, que residem em São Paulo. Sabendo que em Gopoúva há 197 casas, podemos compreender a importância que a fábrica tem para a economia do lugar.

Os mercados compradores são (dados de 1942):

São Paulo	Cr.\$ 405.509,00
Rio de Janeiro	Cr.\$ 107.036,70
Belo Horizonte	Cr.\$ 22.092,30
Baía	Cr.\$ 11.720,40

A exportação para qualquer lugar parte de São Paulo, vindo até aqui a mercadoria em caminhões particulares.

Alem desta fábrica, a indústria é quasi nula. Existem duas oficinas mecânicas: uma com ótimo maquinário, mas que se limita a pequenos concertos; outra de pequena importância. E há a pequena indústria doméstica, como a de costura, fábrica de flores artificiais, etc.

COMÉRCIO. — E' quasi nulo. A estação não exporta carga alguma. As necessidades dos moradores são supridas pelos 2 armazens; não há lojas, pois as compras de maior importância são feitas em Guarulhos. Ha um único produto que sai para São Paulo: os ovos, produzidos em grande escala por uma granja de japoneses. As vezes saem mais de 3.000 num só dia.

AGRICULTURA. — Podemos considerar as 100 casas situadas fóra do perímetro urbano como propriedades agrícolas, sendo preciso notar, entretanto, que, estando situadas de maneira extremamente dispersa e sem nenhum veículo que sirva para facilitar o trabalho, não nos foi possível visitar nem uma terça parte desse número; e faço essa afirmação por extensão às casas que visitei.

As plantações de hortaliças e legumes existem nos fundos dos vales, onde a terra é boa e onde ha água necessária para a cultura. Onde existe a cultura do sólo, o córrego torna-se humanizado pela drenagem de suas margens, geralmente inundáveis no

período da cheia, aprofundamento do leito e proteção daquelas com troncos de árvores e galharia, afim de evitar o desbarrancamento.

Na fotografia vemos uma destas propriedades, num exemplo bem característico.

Nela podemos verificar que a propriedade se estende da meia encosta ao fundo do vale, dando sua frente para uma estrada. A casa é, relativamente ao tamanho da propriedade, muito confortável, assobradada, coberta de telhas francesas. Vemos aí que o esgoto ou fossa, melhor dizendo, fica numa casinha isolada (à esquerda), pequena e sem o aspecto de limpeza da casa de moradia; sem reboco, com uma porta meio estragada, enfim, mos-

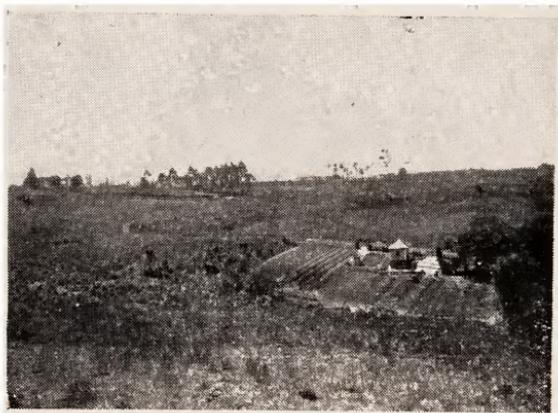


Foto n. 2. — Uma propriedade agrícola.

trando que os residentes não se preocupam com esse aspecto higiênico.

A plantação é bem organizada e abrange diferentes culturas. Enquanto a das terras do lado esquerdo da fotografia já estão em franco crescimento, as do lado direito estão em preparo. Com essa alternância, seu morador tem sempre alguma coisa que vender durante o ano.

Vemos também, num pequeno espaço, a existência de árvores: é um pomar. A fotografia também nos mostra o isolamento da propriedade e como esse quadrado de terra cultivado é exceção na paisagem agreste. No primeiro plano, vemos a pobreza da vegetação natural, mas percebemos que no fundo do vale ela se torna mais rica e exuberante. Ao fundo, um córte marca a estrada

que segue para Guarulhos e, no último plano, vemos, muito indelicados, os contornos da serra da Cantareira.

A produção de legumes é geralmente consumida no próprio local ou em Guarulhos. Com mais raridade encontramos algumas propriedades que produzem para S. Paulo, vendendo aqui no mercado. Essas geralmente possuem uma carroça e um ou dois animais e nela trazem a sua produção e levam-na de volta carregada de cousas necessárias à casa, pois os armazens de Gopoúva vendem muito caro. Saem às 3 horas da manhã para chegar no mercado entre 5 e 6 horas; negociam e, ao meio-dia, estão de volta com a carroça carregada com nova carga.

Essa viagem é feita, segundo a época do ano, uma ou duas vezes por semana e, em não poucas propriedades, é a mulher que a realiza, pois o marido não pode abandonar o trabalho do campo. As casas que possuem animais (e quasi todas o possuem) recolhem cuidadosamente seus excrementos para a adubação do solo. Algumas dispõem de uma ou duas vacas leiteiras, que ficam soltas no campo aberto; é este o único gado que existe na região, não havendo nenhuma propriedade pastoril.

Alem desse aspecto, há um muito comum na região — a plantação de árvores frutíferas, principalmente videiras, pereiras, laranjeiras e caquizeiros. A terra é boa e não precisa de esterco, salvo para as laranjeiras que, quando não esterçadas, dão frutos ácidos.

Visitamos um desses pomares, cuja proprietária é uma velhinha portuguesa, a quem a idade não abateu. Cria 5 netos com o produto da venda das frutas no mercado. E' a proprietária do lugar e não quer vendê-la por preço algum... A casa em que habita é grande, alta, com porão habitável e grandes janelas. O porão é usado para depósito das frutas e de utensílios de lavoura. A fruta é transportada em grandes cestas, dali para o mercado.

Esse tipo de propriedade é mais frequente do que os de hortaliças e legumes, pois ao passo que as frutas dão bem em qualquer terreno, esses últimos só podem ser cultivados com sucesso em áreas muito restritas, no fundo dos vales.

VIAS DE COMUNICAÇÃO. — Sob este aspecto, o lugar apresenta-se muito bem servido, em consequência da sua própria localização, muito próximo a Guarulhos e da sua origem, idealizado e planificado, como foi, sob os auspícios de um rápido crescimento. Houve uma planificação que abrangeu todo o terreno a partir de Guarulhos até Gopoúva. O que deveria ser rua, tornou-se estrada; as ruas transversais foram abandonadas, mas onde quer que haja uma casa vemos que essas ruas secundárias são conservadas.

Graças a isso, todas as propriedades são servidas por boas estradas, que confluem para as linhas-tronco, dirigindo-se estas para São Paulo ou para Guarulhos. As principais são duas, às quais já nos referimos e que seguem à meia encosta, em dois braços, indo dar uma diretamente no centro da cidade e outra já na estrada que se dirige para São Paulo. Há ainda a estrada que vai para São Paulo, passando por Vila Galvão; nesta, até o ano passado, corria uma linha de ônibus, suprimida pela falta de gasolina.

Tais estradas são trafegadas pelos caminhões da fábrica, do Sanatório e pelos veículos que trazem de São Paulo tudo o que

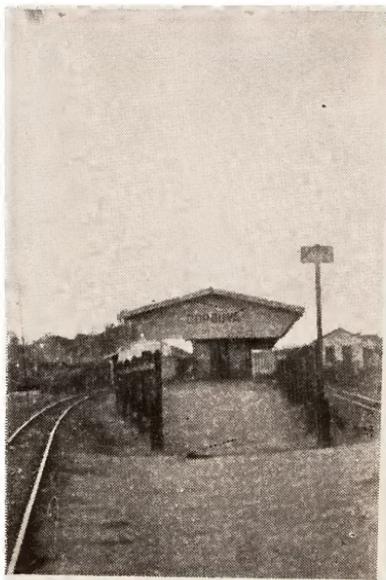


Foto n. 3. — A estação de Gopoúva.

no local se consome. Como as distâncias são muito grandes, os armazens para servir a freguesia substituíram como meio de transporte a bicicleta, tão usada em S. Paulo, pela “charrete” puxada por um cavalo, que fica o dia inteiro parada à porta. Desempenham, também, papel importante na vida rural do lugar, como meio de transporte, as carroças de duas rodas, puxadas por um ou mais animais, às quais já me referi. O cavalo não é quase usado como meio de transporte, a não ser como animal de tração.

A ESTRADA DE FERRO. — Seus trilhos alcançaram Gopouva em 1918, ficando a princípio estabelecida ali uma parada. Com o movimento sempre crescente de passageiros tornou-se necessária a construção de uma estação, que foi inaugurada solenemente a 31 de dezembro de 1922, às 9 horas da manhã.

Foi na mesma data aberta ao tráfego público. Está situada entre os quilômetros 17 e 18 do ramal de Guarulhos e sua construção, autorizada pelo Dr. Hcitor Penteado, Secretário da Agricultura, foi feita pelo governo do Estado, sob imediata fiscalização do dr. José Carlos de Almeida Torres Tibagi, então engenheiro chefe do "Tramway" da Cantareira.

Essa estação é construída de madeira e possui 3 salas. Uma de venda de bilhetes, um depósito de carga e um W. C. muito bem instalado.

Os trens levam 1h34' de Tamanduatei à Gopouva e 13' de Guarulhos a esta estação. O movimento de trens diários é o seguinte:

Chegadas de São Paulo: 6h 19' — 9h 34' — 11h 28' — 13h 23' — 14h 55' — 17h 31' — 18h 40' — 19h 49' — 20h 22' — 22h 07'. Portanto, 10 trens diários ao todo.

Partida para São Paulo e consequentemente chegadas de Guarulhos: 4h 23' — 5h 23' — 5h 57' — 6h 53' — 7h 50' — 10h 06' — 12h 09' — 14h 18' — 15h 53' — 18h 14' — 19h 24'.

O movimento de passageiros durante o mês de janeiro de 1943 retrata o que falamos sobre a vida econômica do lugar; grande número de famílias vivem do trabalho feito em S. Paulo:

DESTINO	N.º DE PASSAGENS	
	2.a classe (ida e volta)	1.a classe (ida e volta)
Tamanduatei	1.012	351
Tucuruvi	50	28
Vila Galvão	171	12
Vila Augusta	86	4
Guarulhos	106	25

Essas cifras, por si só, simbolizam os centros de atividade econômica do lugar e dispensam qualquer comentário. É preciso acrescentar que muitos passageiros viajam com passe e outros compram passagem simples, regressando no ônibus de Guarulhos ou outra condução qualquer. As passagens de 1.a classe correspondem aos médicos do Hospital e escriturários, que antes do racionamento eram transportados por um ônibus particular e, agora, servem-se da estrada de ferro.

CONCLUSÃO

Em conclusão, podemos dizer que Gopoúva é uma aglomeração suburbana economicamente dependente de S. Paulo e resultante da própria economia e do desenvolvimento desta cidade.

Podemos também considerá-la como um agrupamento anormal, em consequência da construção do Sanatório. Dos seus quase dois mil habitantes, a metade ali vive abrigada pelas circunstâncias e completamente isolada do nosso mundo, ou melhor, do mundo econômico, social e geográfico. Vive uma vida à parte, que acaba na cerca ou no valado que separa o Sanatório da vila de Gopoúva.

A outra metade se esforça por viver uma vida normal, mas não consegue esquecer que é vizinha próxima de hansenianos e, por isso mesmo, torna-se desconfiada e... quasi anormal.

Entretanto, podemos dizer que Gopoúva venceu esse complexo e começa a se desenvolver normalmente, embora com um pouco de atrazo em relação às aglomerações congêneres.

RECÔNCAVO DA BAÍA

Aroldo de Azevedo.

Entre os cursos lecionados em 1942, figurou o referente ao Recôncavo baiano, uma das mais interessantes regiões brasileiras, quer sob o ponto de vista geográfico, quer sob o ponto de vista histórico e sociológico.

Resumindo-o aqui desejamos, apenas, oferecer aos estudiosos da geografia do Brasil uma “mise-au-point” do que existe de essencial sobre essa região de nosso país, a respeito da qual a bibliografia é vasta, embora os estudos estejam muito dispersos. — A. de A.

* * *

Trata-se da porção de território que se estende ao redor da baía de Todos-os-Santos, na costa oriental do país, servindo nitidamente de transição entre o Nordeste e o Leste brasileiros. Fisiograficamente, prende-se muito mais ao Nordeste; basta lembrar que é ali abundante o solo de “massapé” e que os “taboleiros” terciários constituem importante elemento da paisagem visinha à baía. Culturalmente, porém, caracteriza-se por sua fisionomia própria: apesar de suas culturas canavieiras e sua forte porcentagem de elemento negro na população, o Recôncavo tem no fumo sua principal riqueza, como já possui algumas sondas de petróleo que anunciam uma paisagem totalmente diversa, para anos talvez não muito afastados:

A BAÍA DE TODOS-OS-SANTOS

Esta importante reintrância do litoral brasileiro é constituída, na realidade, por três baías, que apresentam 200 km. no seu contorno total e chegam a penetrar cerca de 80 km. pelo continente a dentro. Logo à sua entrada encontra-se a extensa ilha de Itaparica, que muito se aproxima da costa ocidental, formando assim a primeira porção da baía. Mais para o interior existem diversas ilhas menores, provavelmente um antigo delta fluvial, que servem para formar, também com a costa ocidental, a segunda porção da baía. A terceira porção, finalmente, acha-se

entre a ilha de Itaparica e a costa oriental: é o trecho mais profundo e onde se encontra o canal de acesso. Chama a atenção, em todo o litoral do Recôncavo, a presença de numerosos estuários fluviais, largos e alongados, que dão um aspecto típico de costa de "rias"; entre esses estuários, destaca-se o do rio Paraguassú, que alcança a baía por entre margens escarpadas.

Trata-se de um local de grande beleza panorâmica, não sendo exagero dizer-se que seus encantos podem ser comparados aos da baía de Guanabara.

GEOLOGIA DO RECÔNCAVO

De cada lado da região em estudo, existem terrenos cristalinos, muito ricos em gnaís.

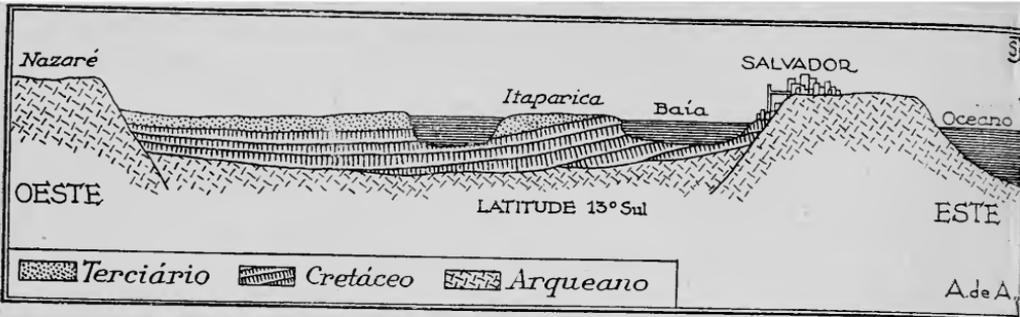
No meio, aparecem sedimentos mais recentes, que datam do cretáceo e também do terciário.

Os terrenos *cristalinos*, que surgem tanto a leste como a oeste, mergulham mais ou menos abruptamente, indicando positivos sinais da existência ali de um "graben" ou fossa tectônica. A cidade do Salvador acha-se colocada, em parte, sobre um dos "horsts" dessa fossa.

Diretamente sobre tais terrenos, vieram assentar-se sedimentos *secundários*, datando do cretáceo, ricos em folhelhos, arenitos, calcáreos, conglomerados. São os folhelhos o elemento que melhor caracterizam tais terrenos; apresentam-se quasi sempre de cor escura, são mais ou menos espessos e ocupam largas extensões. Os arenitos aparecem impregnados de petróleo e chegam a fornecer alguns depósitos de linhito. Tais terrenos acham-se encobertos por terrenos mais recentes junto à baía (em sua margem ocidental, na ilha de Itaparica), mas afloram à margem oriental e, sobretudo, mais para o norte. Constituem a chamada série "Baía", de Nicolay, ou a "série do Recôncavo", segundo a denominação proposta por Teodoro Sampaio.

J. C. Branner imaginou uma simples sedimentação cretácea. Os recentes estudos de Avelino de Oliveira e Pedro de Moura levam-nos à conclusão de que, após essa sedimentação, os depósitos foram fortemente comprimidos pelas massas cristalinas, dando nascimento a dobras e falhas.

Sobre esses terrenos do cretáceo e mesmo sobre o cristalino, assentaram-se, em largos trechos, sedimentos *terciários*, de origem pliocênica, ricos em argilas, arenitos grosseiros de "facies" sub-aérea e camadas ferruginosas. Constituem a chamada "série das Barreiras", que domina a margem ocidental, a ilha de Itaparica e o interior.



Corte geológico da baía de Todos-os-Santos (Branner).

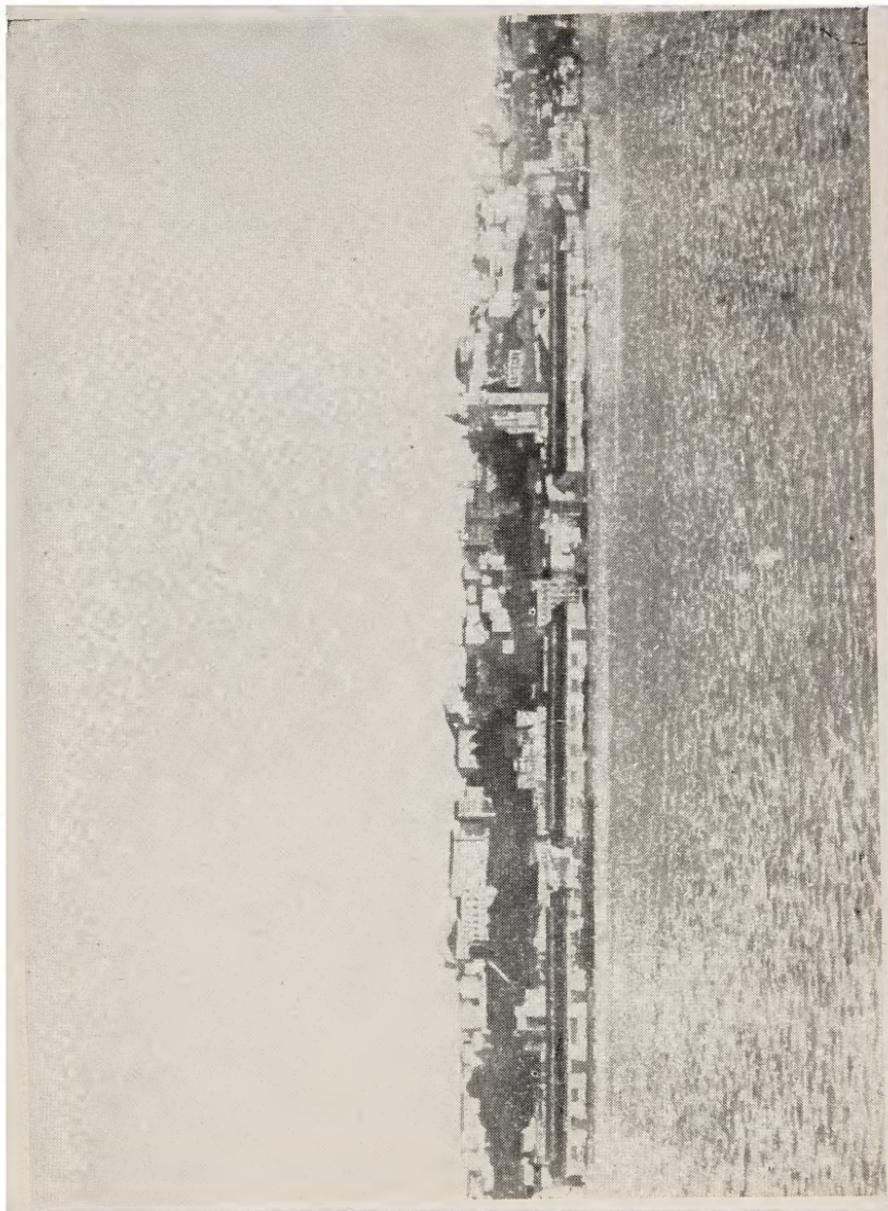
Topográficamente, a região cretácea é levemente ondulada, enquanto a região terciária oferece belos exemplos de “taboleiros”, muitas vezes bastante erodidos e apresentando morros em meia-laranja (1).

AS ORIGENS DA BAÍA DE TODOS-OS-SANTOS

A atual baía de Todos-os-Santos tem todos os característicos de uma fossa tectônica. Com o desabamento ali verificado, passou a realizar-se um forte trabalho de sedimentação, provavelmente porque na região veio a existir uma lagôa, na qual os rios lançaram seus materiais carregados. Dai os grandes depósitos argilosos que hoje se apresentam sob a forma de folhelhos, surgidos ao pé dos “horsts” cristalinos. Posteriormente, vieram a acumular-se as argilas do plioceno. Mas o embasamento não tardou a ceder de novo, seguindo a velha linha de falhas; o resultado desse outro desabamento foi a invasão realizada pelas águas do oceano e a formação da atual baía, com o seu aspecto de uma grande “ria”.

O CLIMA E OS SOLOS

O clima do Recôncavo pode ser classificado como tropical, do tipo semi-úmido marítimo, segundo a classificação Morize-Delgado (2). A temperatura média anual pode ser considerada de 24,5, sendo fevereiro o mês mais quente (26,1 em média) e julho o mais fresco (23,2), o que serve bem para mostrar que a amplitude é mínima. As chuvas caem em média à razão de 1.700 a 2.000 mm por ano, sendo mais frequentes no outono e começo do inverno (de abril a agosto). Durante o verão, os ventos dominantes são os aliseos de NE; nos meses mais frescos, dominam os aliseos de SE. Os ventos do quadrante W são mais raros, chegando até ali sob a forma de tufões, acompanhados de trovoadas.



Salvador: a. "cidade baixa" e a "cidade alta"

Os terrenos cretáceos fornecem os solos mais ricos do Recôncavo. A desagregação dos folhelhos argilosos dá origem ao chamado *massapé*, solo de cor escura, argiloso, rico em matéria orgânica, caracteristicamente pegajoso, muito plástico na época das chuvas, em virtude de seu alto poder de absorção. É o solo ideal para a cana de açúcar.

Já os terrenos terciários fornecem solos pouco férteis, muito arenosos, chegando a formar extensos areiais (como os da planície de Camassari), onde a vegetação é raquítica e o homem dificilmente pode estabelecer-se.

Nas ilhas, são comuns os *manguesais*, com sua vegetação halófila.

A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA

Sem falar em Diogo Álvares Corrêa, o “Caramuru”, os primeiros *portugueses* que se fixaram no Recôncavo foram os da expedição do governador Tomé de Souza (1549). Fundada a cidade do Salvador, o núcleo colonial firmou-se sem demora e sua influência irradiou-se para o sertão visinho.

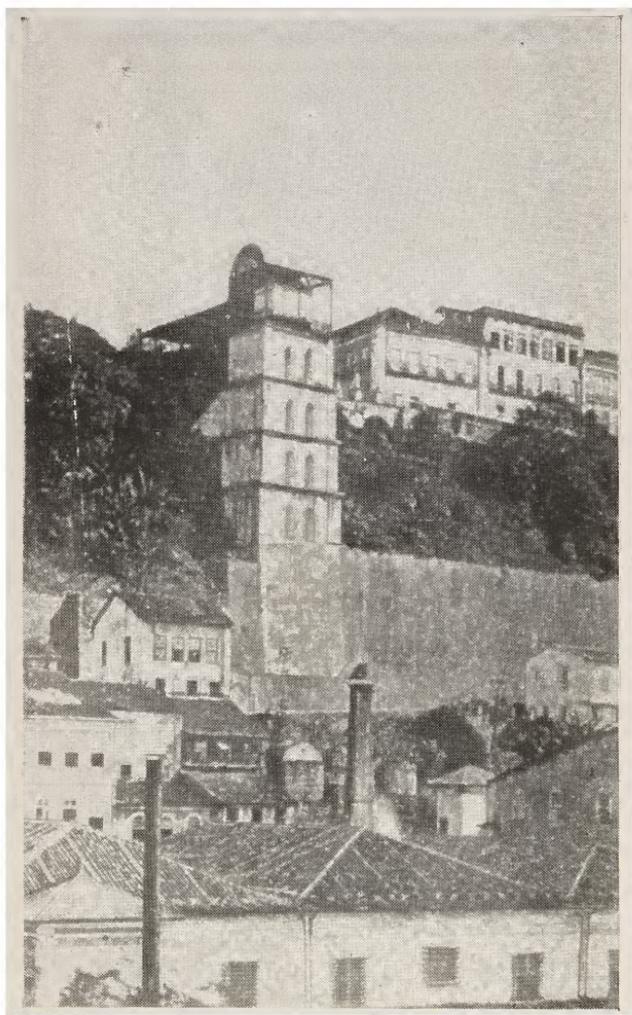
Durante o período colonial, a região representou um triplice papel dentro da comunidade brasileira: 1.º — foi o centro político-administrativo e um dos baluartes da resistência às ambições estrangeiras, de que deu prova durante a invasão holandesa de 1624-25; 2.º — foi um centro de dispersão humana, porque dali partiram as primeiras “bandeiras” que desbravaram o sertão baiano e de suas vizinhanças partiu a expansão pastoril que ocasionou a conquista do vale do médio São Francisco e do sertão do Nordeste; 3.º — foi um centro econômico de destaque, graças às suas importantes plantações de cana de açúcar.

Tal como em Pernambuco, este açúcar foi o responsável pela introdução de um novo elemento étnico na região: o *negro* africano. Para o Recôncavo foram levados sobretudo Sudaneses (3), especialmente do grupo Nagô ou Ioruba. Ao lado destes, merecem referência os negros maometanos, turbulentos e possuidores de mais elevada civilização, como os Haussás e os Fulas, estes últimos com sangue bérbere. No início do século atual, Nina Rodrigues encontrou uns 500 africanos puros na região; hoje, não mais existe nenhum, tal como acontece no Brasil inteiro.

O *ameríndio*, cedo expulso do Recôncavo, não deixou sinal de sua existência na massa da população.

A POPULAÇÃO E OS NÚCLEOS URBANOS

O Recôncavo baiano é uma região densamente povoada, não sendo exagero avaliar-se em cerca de 700.000 habitantes sua po-



O antigo "Parafuso" (1889)

pulação atual. Basta dizer que sómente 14 de seus municípios apresentavam, em 1940, mais de 650.000 habitantes.

Dentro dessa massa populosa, o elemento de origem africana representa um papel importantíssimo, não só pelo número, como pelas influências que exerce sobre os costumes e a própria vida social.



O Elevador Lacerda.

Circundando a baía de Todos-os-Santos existe um verdadeiro colar de cidades. À frente delas acha-se Salvador, logo à entrada da baía. Ao norte, encontra-se Santo-Amaro. Na “ria” do Paraguassú estão as cidades “gêmeas” de Cachoeira e São Felix, além de Maragogipe. Nazaré fica a sudoeste.

A CIDADE DO SALVADOR

Esta cidade, metrópole do Recôncavo e capital do Estado da Baía, é uma das raras cidades brasileiras que, embora progredindo, conservaram sua feição de origem; na verdade, Salvador continua a ser a mesma cidade em acrópole do século XVI.

Sua posição local é bem expressiva: acha-se colocada ao pé e sobre o bloco de terrenos cristalinos, no ponto exato em que teve lugar o desabamento tectônico a que já nos referimos.

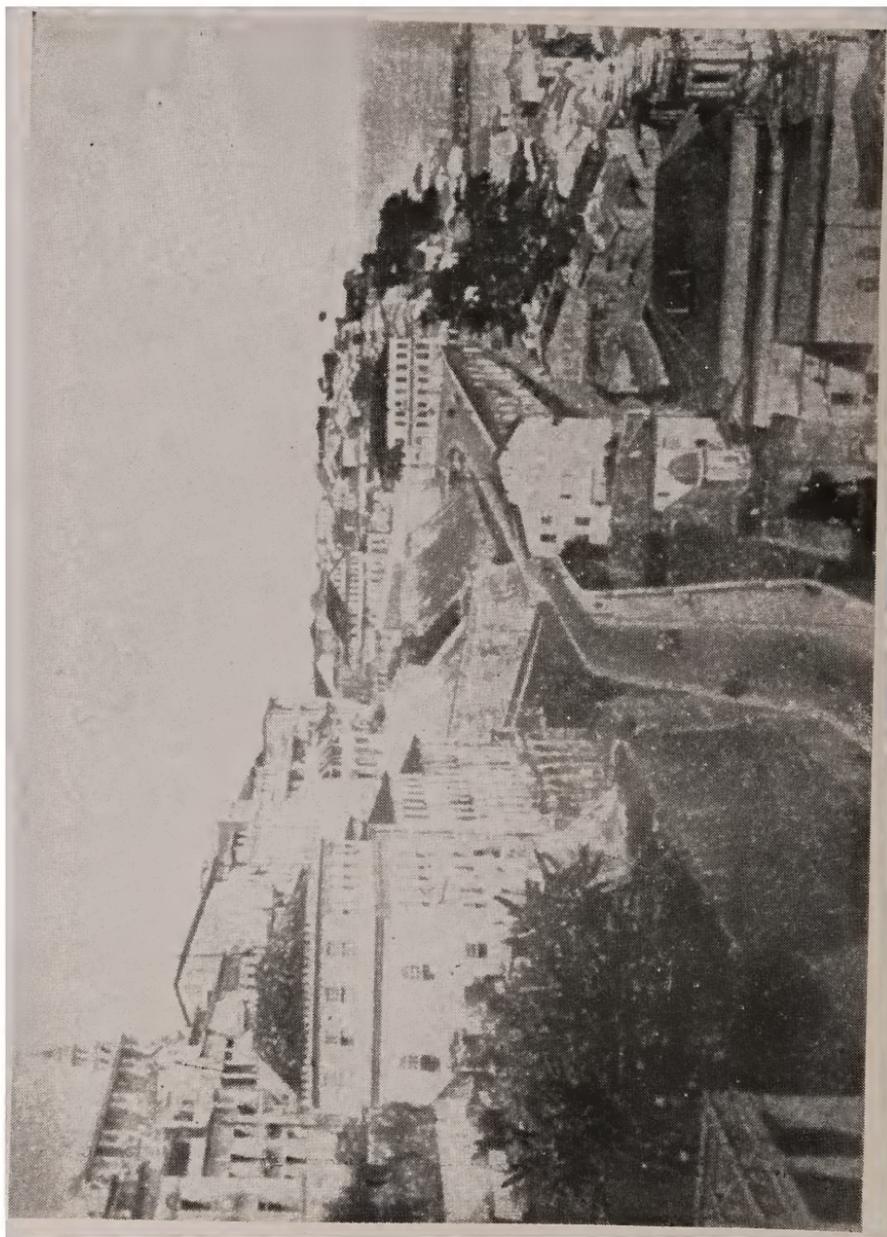
Junto ao mar, ao pé da escarpa, está a chamada *Cidade Baixa*, sem nenhuma originalidade ou beleza, contendo ainda vielas estreitas e pouco limpas, que contrastam com as ruas modernizadas. E' aí que se encontram o centro comercial (bancos, lojas, escritórios comerciais) e as instalações portuárias.

Oitenta metros acima, sobre o mole de gnais, está a *Cidade Alta*, que pôde ser alcançada através de ladeiras íngremes (a mais importante das quais é a "Ladeira da Montanha") ou por intermédio de elevadores. De fato, a atenção do forasteiro que aporta ao Salvador é logo chamada para a silhueta particular do Elevador Lacerda, elétrico, que lembra o antigo "Parafuso", construído em 1861 e movido por força hidráulica (4).

Na Cidade-Alta concentra-se a parte residencial da cidade, com respeitáveis sobrados com 3 e 4 andares ao lado de modernas e confortáveis residências. E' ali que se encontra a mais importante artéria comercial da "urbs" (a rua Chile), além de belos edifícios públicos e grandes praças, com as famosas igrejas. Uma boa centena destas últimas justifica o título, que já foi dado à cidade, de "Roma brasileira"; mas não é somente o número dos templos o único motivo de orgulho dos baianos, nesse particular: são principalmente o primor e a beleza da arte colonial que tornam famosas as igrejas da cidade do Salvador, entre as quais não é possível esquecer a de São Francisco, a Catedral, a do Senhor de Bonfim e a da Conceição da Praia (5). Para os lados do Atlântico, belíssimas praias aparecem a emoldurar a velha cidade.

Salvador é uma das mais originais cidades do Brasil, oferecendo especialmente para o turista um interesse todo particular. Suas "baianas" autênticas, sua variadíssima cosinha, seu pitoresco Mercado, sua feira regional, seu porto movimentado, dão-lhe um colorido próprio, de que Stephan Zweig, na sua obra "Brasil, Terra do Futuro", forneceu uma idéia viva e exata.

Fundada pelo governador Tomé de Souza, no ano de 1549, foi Salvador (e não "São Salvador", como por muito tempo se re-



A "Ladeira da Montanha".

petiu) a primeira cidade que se ergueu em terras brasileiras. Em virtude de sua posição local, desenvolveu-se com todas as características das cidades “lineares”.

Muitos fatores concorreram para o seu crescimento. Em primeiro lugar, justo é que se lembre a circunstância de haver sido a sede do governo colonial durante mais de dois séculos (1549-1763), gozando assim das regalias de metrópole brasileira, hoje usufruídas pela cidade do Rio de Janeiro. Também sua situação geográfica exerceu influência: durante extenso período da época colonial viu-se colocada entre os dois mais importantes centros econômicos de então — o Nordeste açucareiro e a zona da mineração do ouro e das pedras. Os demais fatores podem ser encontrados no próprio sítio urbano: um lugar estratégico, de fácil defesa contra inimigos externos; uma baía, que além de ser excelente ancoradouro ainda possui um canal de fácil acesso, em razão de sua origem tectônica; a presença de fontes de água, necessárias ao abastecimento da população e dos navios que ali aportavam.

Tudo isso explica a posição de destaque que sempre ocupou entre as grandes cidades brasileiras, mesmo depois de haver perdido sua categoria de capital do país. De acordo com o recenseamento de 1872, Salvador possuía 129.109 habitantes, o que lhe assegurava o 2.º lugar entre as mais populosas cidades do Brasil; apenas Rio de Janeiro a ultrapassava, com seus 275.000 habitantes, enquanto a cidade de São Paulo aparecia em modesto 10.º lugar, com 31.385 habitantes... Daí por diante, foi ininterrupto o aumento, conforme o atestam as estatísticas:

1890	174.412	habs.
1900	205.813	”
1920	283.422	”
1940	294.200	”

Mas se o aumento foi constante, o mesmo não aconteceu com a sua posição entre as demais cidades do país. Na verdade, o censo de 1900 colocou São Paulo, com 239.820 habs., no 2.º lugar, deslocando para o 3.º a cidade baiana; e os primeiros resultados do último recenseamento (bem menores que os mencionados nas estimativas) já anunciam que Salvador é hoje a quarta cidade brasileira pela população, pois Recife arrebatou-lhe o 3.º lugar, com 352.000 habs. A explicação desses fatos pode bem ser encontrada na força do espírito tradicionalista, que a domina, como na posição local, que não favorece um desenvolvimento ao ritmo acelerado das grandes metrópoles modernas.



Planta da cidade do Salvador
 Sua topografia original exige que a velha capital da Bahia seja uma cidade tipicamente "linear".

Resta lembrar que a capital da Baía dispõe de um importante porto, considerado o 6.º do país, com seus 1.500 ms. de cais, seus 10 armazens para carga, seus 22 guindastes, suas 18 pontes-rolantes, seus 3.600 ms. de vias-férreas internas. Caracteriza-se por ser um mercado importador de produtos provenientes do próprio país e que se destinam às regiões vizinhas. Em 1940, 325.400 tons. de mercadorias entraram pelo seu porto, conduzidas principalmente por navios de cabotagem. Quanto à exportação, foi de 262.300 tons. o total saído em 1940, sobretudo em navios de longo curso. o que denuncia seu destino exterior. A relação dos produtos exportados é bem o símbolo da função regional exercida pelo porto: cacati, mamona, fumo, piassava, pedras, cêra de carnaúba, licuri, couros, peles, etc., o que seria o mesmo que disséssemos — sul da Baía, Recôncavo, Chapada Diamantina, vale do São Francisco, todo o vasto “hinterland” que o circunda.

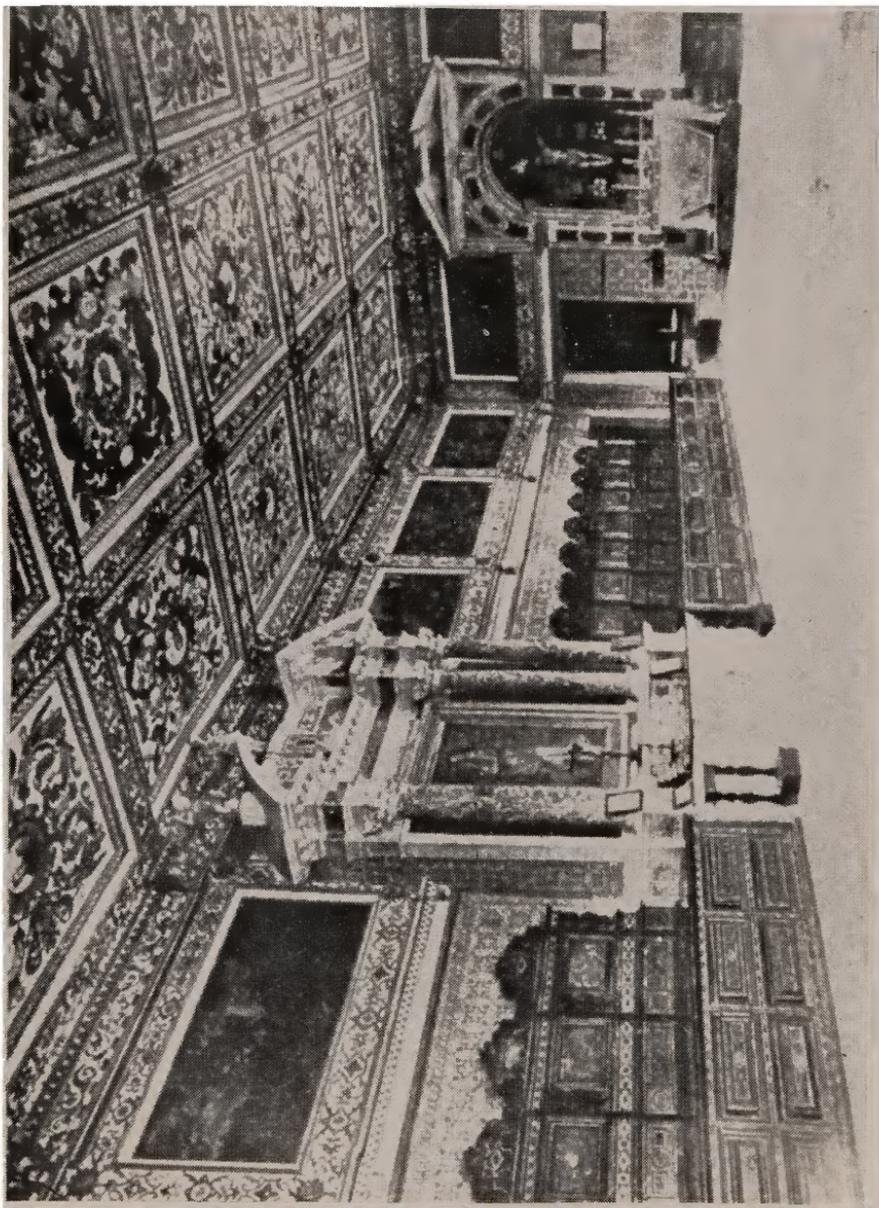
FUMO, RIQUEZA DO RECÔNCAVO

Constitue o fumo a primeira de todas as riquezas do Recôncavo e uma das mais importantes do Estado da Baía.

Conhecido dos indigenas e dos primeiros colonizadores (que o chamavam “erva-santa” ou “petume”), o fumo viu-se logo cultivado na região, passando a constituir uma daquelas culturas ancilares, estreitamente ligada à cultura da cana de açúcar. E’ que, com rolos de fumo, os “senhores de engenho” podiam comprar escravos indispensaveis às suas lavouras (6). Na primeira década do século XVIII, chegou-se a exportar 27.000 rôlos de fumo, no valor de 334.000 cruzeiros, o que significava 7 % do valor total da exportação brasileira, na época.

Com o início do século XIX, teve lugar um importante acontecimento para a vida econômica do Recôncavo: chegaram sementes de fumo da Virginia, sendo plantadas com êxito sobretudo no município de Cachoeira, o que lhe assegurou uma posição de destaque entre as demais cidades. Spix e Martius, que ali estiveram por essa época, descrevem a cidade com certo entusiasmo (7).

Na segunda metade do século passado, a lavoura de fumo alcançou sua maior importância, graças ao estabelecimento da respectiva indústria manufatureira; data de 1865 a primeira fábrica de cigarros da Baía. Todos os municípios do Recôncavo passaram a cultivá-lo intensamente: Cachoeira, Santo-Amaro, São Felix, Genipapo, Maragogipe, Salgado, etc. O fumo bem mereceu ser colocado nas armas imperiais, como um dos símbolos de nossa vida econômica.



A sacristia da Catedral, uma das joias da arte colonial brasileira.

Em fins do século XIX, o fumo tornou-se a primeira riqueza da Baía; nada menos de 16 fábricas de artefatos de fumo passaram a existir na região, manipulando principalmente charutos.

Atualmente, as grandes lavouras localizam-se sobretudo nos terrenos da bacia do rio Paraguassú. Caracterizam-se pelo regime da pequena propriedade, surgindo sob a forma de pequenas “roças”, pertencentes a gente de poucos recursos.

A colheita é feita à mão, para que possam ser bem escolhidas as melhores folhas. Durante um mês ou mais, tem lugar a “seca” do fumo, em local arejado mas sombrio. Vem depois a “fermentação” das folhas, feita sob pressão, o que dura de uma a duas semanas. Resta, enfim, a “seleção” das folhas, o que se faz tendo em vista a cor e o aroma.

A produção baiana tem-se mantido mais ou menos equilibrada: entre 1931 e 1935, a média foi de 30.593 tons.; em 1940, o total alcançou 33.000 tons., que se destinaram especialmente à exportação.

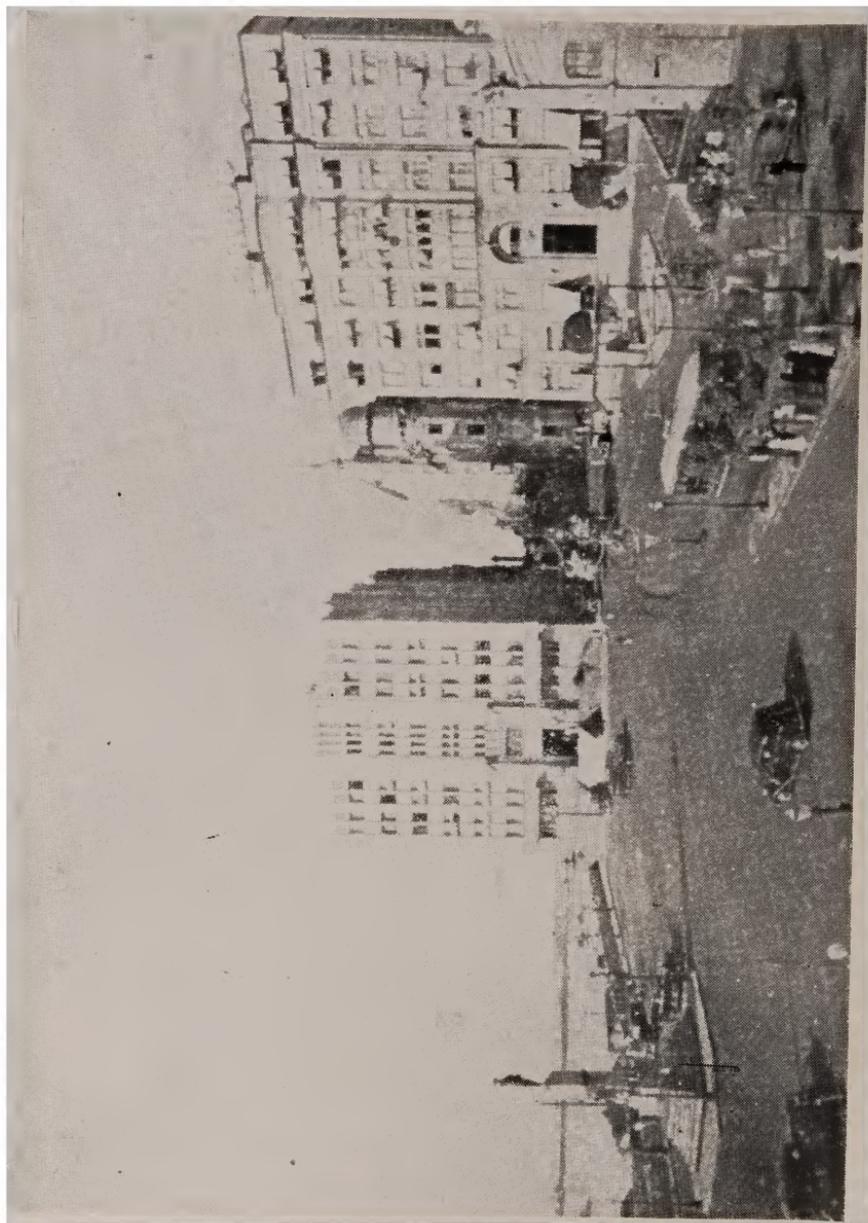
Uma parte dessa produção destina-se, porém, à indústria local. São de origem alemã as principais firmas que a exploram (Suerdieck, Dannemann), sendo a mão de obra constituída quasi exclusivamente pelo elemento negro ou mestiço, tão abundante na região (8).

O fumo do Recôncavo destina-se especialmente à fabricação de *charutos*, cuja reputação já ultrapassou as fronteiras do país; isto se explica porque o fumo baiano, sendo do tipo “escuro”, serve exatamente para aquêle fim. Essa indústria é ainda totalmente manual, sendo o elemento feminino o que predomina no preparo dos charutos. As folhas com que são feitas as capas dos charutos vinham, em épocas normais, da longínqua Sumatra, por serem mais finas e de melhor aparência que as do lugar. As táboas de cedro, com que são feitas as caixas, procedem do sul do país.

Em 1939, a Baía controlou mais de 74 % da produção brasileira de charutos, produzindo 125.271.000 charutos, no valor de 18.791.000 cruzeiros. Dois anos antes, a produção baiana alcançara 161 milhões de charutos.

Quanto aos *cigarros*, a produção da Baía é a quinta do país, havendo fornecido 40.234.000 maços, em 1939, no valor de 12.875.000 cruzeiros (9).

O fumo do Recôncavo era muito apreciado sobretudo nos mercados alemães (Hamburgo, Bremen). A guerra atual significou a perda de pelo menos 50 % de seus consumidores.



Salvador: aspecto da "cidade alta".

Desde 1935, acha-se em funcionamento o *Instituto Baiano de Fumo*, organismo estadual destinado a melhorar a produção, criar novos tipos de fumo, fiscalizar o comércio local e as exportações. Em São Gonçalo, já o governo federal instalou um *Campo de Sementes*, destinado a racionalizar a produção do fumo.

DUAS OUTRAS VELHAS RIQUEZAS

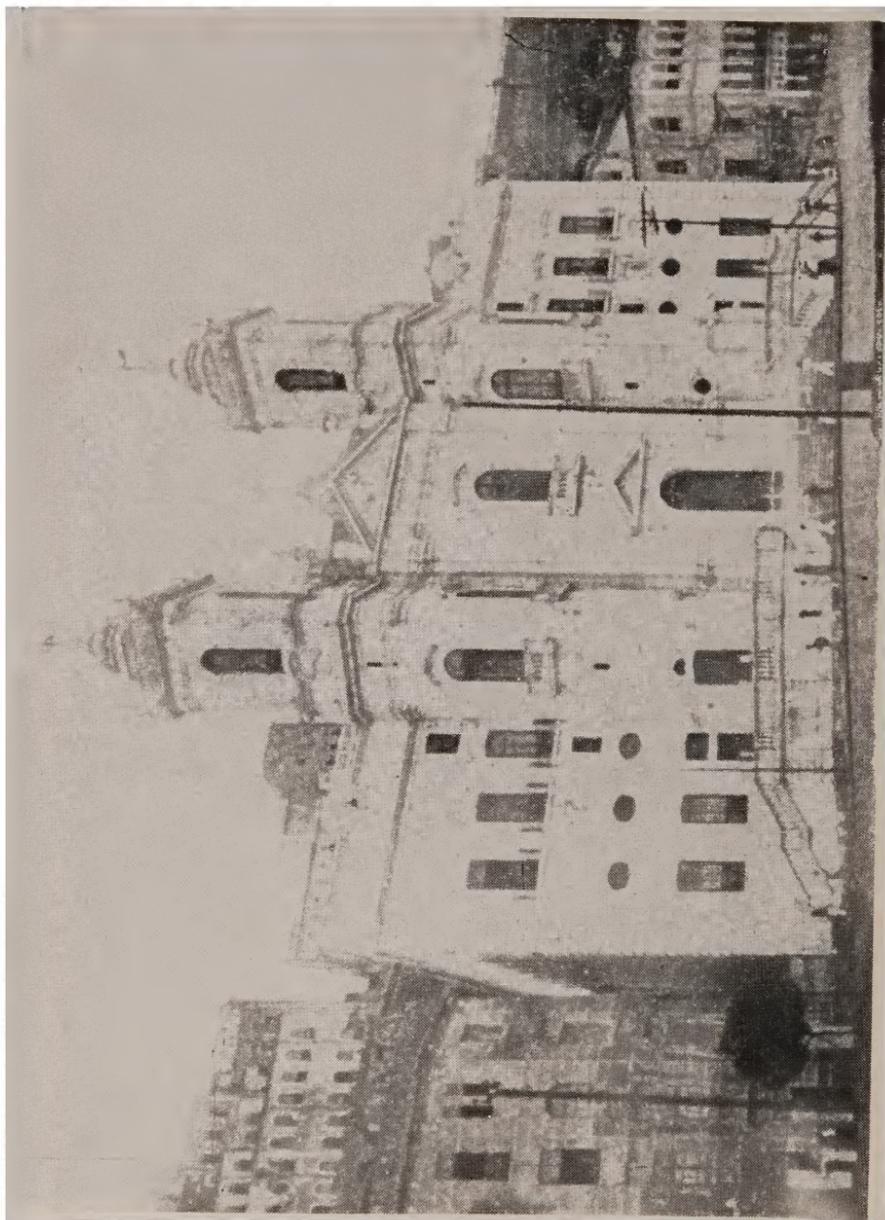
Durante largo tempo, foi o açúcar a primeira riqueza agrícola do Recôncavo. As plantações de cana de açúcar, introduzidas ao tempo das Capitânicas, expandiram-se sem tardança pela região. Basta dizer que ao tempo do donatário Francisco Pereira Coutinho existiam ali apenas 3 engenhos, enquanto em 1590 o total deveria ser de uns 36 a 40.

Tal atividade econômica criou, como no litoral do Nordeste, a figura clássica do “senhor de engenho” e a respetiva aristocracia rural, tão bem estudada por Gilberto Freyre, em relação a Pernambuco. Mas, no Recôncavo, o “senhor de engenho” não teve a sua “casa-grande”, porque preferiu viver na cidade do Salvador, capital da colônia.

Dessa atividade decorreram algumas consequências de certa monta para a região: graças às culturas de cana, o Recôncavo transformou-se em um dos maiores centros de população afro-brasileira do país e passou a possuir a cultura do fumo, como já ficou dito.

O êxito dessa cultura deve-se, em grande parte, à presença do solo de “massapé”, característico das regiões cretáceas do Recôncavo e que ocupa largas áreas do baixo Paraguassú, do baixo Jaguaripe e da região de Santo-Amaro. Os municípios de Santo Amaro, Cachoeira, São Francisco e São Sebastião têm as suas baixadas repletas de canaviais, graças ao seu rico e pegajoso “massapé” negro. E’ no primeiro que se encontra a mais importante usina do Estado: a Usina Aliança, com uma produção anual de 22.000 tons. de açúcar.

Dois importantes fatores vieram ocasionar o declínio desta atividade agrícola: em primeiro lugar, a concorrência de outros centros produtores de açúcar, quer os do Nordeste brasileiro, quer os de outras paragens (Antilhas e mercados da beterraba); em segundo lugar, a abolição da escravatura e a desorganização econômica que se lhe seguiu. Este último fato ocasionou, ainda, a multiplicação das usinas e a urbanização da indústria açucareira, cujo produto aperfeiçoou-se. No período que vai de 1931 a 1935,



A igreja da Conceição da Praia.

a produção média de açúcar foi de 108.000 tons.; mas em 1940 o total produzido não chegou a 70.000 tons.

Ao lado da cultura canavieira, uma outra velha cultura existe: a do *café*, que aparece nas terras argilo-humosas, ocupando áreas reduzidas. Dali saiu um tipo particular de café — o “Maragogipe”, de grão grosso, hoje espalhado mesmo fóra do país. Tais culturas não têm atualmente importância econômica, bastando dizer que a produção do Estado foi de 300.000 sacas, em 1939, quando São Paulo produziu 15.800.000 !

UMA RIQUEZA DO FUTURO

Ao lado dessas “realidades” econômicas, precisamos colocar uma riqueza, cuja importância o futuro dirá: trata-se do *petróleo*.

A possibilidade da existência do “ouro negro” no Recôncavo foi afirmada, com certa segurança, entre outros, por Teodoro Sampaio e por Moraes Rego (1925). Entretanto, em 1934, um técnico contratado pelo Governo Federal, o sr. Vitor Oppenheim, negou categoricamente essa possibilidade, levando o Departamento da Produção Mineral a afirmar a inutilidade das pesquisas “por estar provado à saciedade a inexistência de depósitos petrolíferos no lugar denominado “Lobato” (10).

Coube ao dr. Guilherme Guinle contribuir poderosamente para a solução do problema, pois custeou os necessários estudos de uma comissão de jovens e competentes geólogos brasileiros: Silvío Froes Abreu, Glycon de Paiva e Irnack do Amaral. O resultado de suas pesquisas foi consubstanciado em um livro intitulado “Geologia do Petróleo no Recôncavo da Baía”, publicado em 1936, e que veio abrir novos horizontes à questão. Enquanto isso se passava, na região o dr. Oscar Cordeiro, desde 1931, teimava em perfurar poços, sem nada conseguir, mas sempre animado pelas manchas e irisações de óleo que apareciam à superfície das águas da baía, nas vizinhanças da localidade do Lobato.

No dia 21 de janeiro de 1939, finalmente, a terceira sondagem feita neste mesmo local, depois de vencer as camadas de arenitos e de folhelhos do cretáceo, encontrou uma camada de arenito (por alguns considerado devoniano, embora a maioria o considere também cretáceo), com 1,50 de espessura, impregnada de óleo e situada a 216 m. de profundidade. *Lobato* é uma localidade situada a poucos km. ao norte da cidade do Salvador, às margens da baía de Todos-os-Santos, justamente nas vizinhanças do ponto em que o cristalino entra em contato com os sedimentos do cretáceo. (Vide mapa geológico).

Hoje, outras localidades do Recôncavo também atraem a atenção do Governo Federal: *Candeias*, ao norte, *Aratú*, a nordeste da baía, *Joanes*, *Itaparica*, abrem novas perspectivas ao petróleo brasileiro. Em 1942, foram extraídos 4 milhões de litros.

O local onde o óleo vem sendo encontrado não poderia ser mais propício: não longe de uma grande cidade e de um bom porto, numa região de topografia favorável e clima salubre, onde existem facilidades de mão de obra e de comunicações, colocada a meio caminho entre o norte e o sul do país.

OS TRANSPORTES

Para dar por encerrado nosso pequeno estudo do Recôncavo baiano, diremos duas palavras sobre os transportes. Uma região que possui população densa e assim tão economicamente ativa precisa ter um bom serviço de comunicações; e o possui realmente.

A zona agrícola é servida pelos trilhos da *Viação Férrea Federal do Leste Brasileiro*, que unem a cidade do Salvador com as de Santo-Amaro, Cachoeira, São Felix.

Mas é na baía de Todos-os-Santos que vamos encontrar a maior atividade na circulação, graças à infinidade de pequenos barcos que estão a percorrer suas águas constantemente e às linhas regulares mantidas pela *Companhia de Navegação Baiana do São Francisco*. Os "saveiros" ali existentes dão uma nota bem característica à paisagem movimentada do Recôncavo da Baía.

(1) Maiores detalhes sobre o assunto podem ser encontrados no artigo de SILVIO FROES ABREU, "O Recôncavo da Baía e o petróleo do Lobato", publicado na Revista Brasileira de Geografia, n.º 2, 1939; e, também, em AVELINO I. OLIVEIRA e OTHON H. LEONARDOS, "Geologia do Brasil", 2.ª edição, Rio, 1943.

(2) CARVALHO (Delgado de), "Physiographia do Brasil", Rio, s/ data.

(3) Vide, entre outros: NINA RODRIGUES, "Os Africanos no Brasil", São Paulo, 1935; e ARTUR RAMOS, "As Culturas Negras no Novo Mundo", Rio, 1937; "O Negro Brasileiro", São Paulo, 1940 e "Introdução à Antropologia Brasileira", vol. I, Rio, 1943.

(4) Além do Elevador Lacerda, servem o público o Plano Gonçalves e mais dois outros elevadores menores (Flar, Taboão).

(5) Vide EDGARD DE CERQUEIRA FALCÃO, "Relíquias da Bahia", 1940; e "Encantos Tradicionais da Bahia", Liv. Martins, S. Paulo, 1943.

(6) AMARAL (Luis), "Historia Geral da Agricultura Brasileira", tomo 2.º, São Paulo, 1940, pag. 365.

(7) SPIX e MARTIUS, "Viagem pelo Brasil", vol. 2.º, tradução brasileira, Rio, 1938, pag. 270.

(8) Em São Felix, existem as fábricas Costa Pena (que é a mais antiga) e Dannemann. Em Maragogipe encontra-se a Suerdieck.

(9) Os dados estatísticos foram tirados da obra "Brasil 1940-41" — Relação das condições geográficas, econômicas e sociais", publicada pelo Ministério das Relações Exteriores.

(10) Vide sobre o assunto o livro de S. FROES ABREU, "Pesquisa e Exploração do Petróleo", São Paulo, 1940, pag. 223 e seguintes.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL MERIDIONAL

Como é natural, a parte referente à bibliografia também tem merecido da Cadeira uma atenção muito particular. Achase em organização o fichário, que ficará à disposição dos professores e alunos da secção de Geografia e História.

O que se vai ler, a seguir, é o primeiro resultado desse trabalho, ao qual se vem dedicando a professora *Regina Carneiro*, atualmente comissionada junto à Cadeira: nele figuram algumas obras geográficas ou de interesse geográfico, que tratam da porção meridional do país. — A. de A.

OBRAS GERAIS

- ABREU (Silvio Froes) — *A Riqueza Mineral do Brasil* — São Paulo, Editora Nacional, 1937.
- AMARAL (Luiz) — *História Geral da Agricultura Brasileira* — São Paulo, Editora Nacional, 1939-40. 3 vols.
- AMORIM (Anibal) — *Viagens pelo Brasil* — Rio de Janeiro, Garnier, s.d.
- CARLSON (Fred. A.) — *Geography of Latin America* — New-York, Prentice Hall, 1943.
- CARVALHO (C. M. Delgado de) — *Météorologie du Brésil* — Londres, John Bale & Danielsson, 1917.
- CARVALHO (C. M. Delgado de) — *Geografia do Brasil* — Rio de Janeiro, Alves, 1938.
- CARVALHO (C. M. Delgado de) — *Fisioarafia do Brasil*, Rio.
- CUNHA (Euclides da) — *Os Sertões* — Rio de Janeiro, Alves, 1923.
- DEFFONTAINES (Pierre) — *Geografia Humana do Brasil* — Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, 1940.
- DENIS (Pierre) — *Amérique du Sud* — Paris, Colin, 1927. — Tômoo XV, 1.ª parte, da "Géographie Universelle" de La Blache e Gallois.
- DENIS (Pierre) — *Le Brésil au XXe. siècle* — Paris, Colin, 1911.
- DEPARTAMENTO NACIONAL DE PORTOS E NAVEGAÇÃO — *Portos e Navegação do Brasil* — Rio, 1940 — Ed. comemorativa dos centenários de Portugal.
- FIGUEIREDO (Lima) — *Cidades e Sertões* — Rio de Janeiro, Bloch, 1941.
- FLORENCE (Hércules) — *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas (1825-29)* — Tradução do visconde de Taunay. — São Paulo, Melhoramentos, s.d.
- GABAGLIA (F. A. Raja) — *As Fronteiras do Brasil* — Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1916.
- GONZAGA (Antônio Gavião) — *Problemas nacionais de colonização e imigração* — Em "Estudos Brasileiros", ano 2.º, v. 4, n. 12, p. 582-624.

- HARNISCH (Wolfgang Hoffmann) — *O Brasil que eu vi* — São Paulo, Melhoramentos, s.d.
- HARTT (Charles Frederick) — *Geologia e Geografia Física do Brasil* — São Paulo, Editora Nacional, 1941.
- HERMES (J. S. da Fonseca), e BASTO (Murilo de Miranda) — *Limites do Brasil: descrição geográfica da linha divisória* — Rio de Janeiro, s.c.p., 1940.
- HOEHNE (F. C.) — *A flora do Brasil* — Em vol. I do "Recenseamento do Brasil", Rio de Janeiro, 1922.
- HUNNICUTT (Benjamim H.) — *Algodão* — São Paulo, s.c.p., s.d.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — *Tipos e Aspectos do Brasil* — Coletânea das ilustrações publicadas na "Revista Brasileira de Geografia".
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO — *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil* — Rio de Janeiro, 1922.
- JAMES (Preston E.) — *Latin America* — New-York, Lothrop, Lee & Shepard, 1942.
- JOBIM (José) — *História das Indústrias no Brasil* — Rio de Janeiro, José Olímpio, 1941.
- KELSEY (Vera) — *Seven Keys to Brazil* — New-York, Funk & Wagnalls, 1940.
- KIDDER (D. P.) e FLETCHER (J. C.) — *O Brasil e os Brasileiros* — São Paulo, Editora Nacional, 1941.
- LAMEGO (Alberto Ribeiro) — *Restingas na Costa do Brasil* — Boletim n. 96 da Divisão Geológica e Mineralógica do Departamento Nacional de Produção Mineral, 1940.
- LEVASSEUR (E.) — *Le Brésil* — Paris, Lamirault, 1889.
- LISBOA (Alfredo) — *Portos do Brasil* — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1926.
- MAGALHÃES (Basílio de) — *Expansão geográfica do Brasil Colonial* — São Paulo, Editora Nacional, 1935.
- MELLO (Astrogildo Rodrigues de) — *Imigração e colonização* — Revista "Geografia", a. I, n. 4, S. Paulo, 1935.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES — *Brasil — 1939-40* — Rio, 1940.
- *Brasil — 1940-41* — Rio, 1942.
- *Brasil 1942* — Rio, 1943.
- NASH (Roy) — *A Conquista do Brasil* — São Paulo, Editora Nacional, 1939.
- NERY (M. F. — J. de Santa Ana) — *Le Brésil en 1889* — Paris, Delagrave, 1889.
- OLIVEIRA (Avelino Inácio de) e LEONARDOS (Othon Henry) — *Geologia do Brasil* — Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola, 1943.
- PLATT (Robert S.) — *Latin America — Countrysides and United Regions* — New-York, McGraw Hill, 1943.
- RANGEL (Alberto do Rego) — *Rumos e Perspectivas* — São Paulo, Editora Nacional, 1934.
- RECLUS (Élisée) — *Estados Unidos do Brasil* — Rio de Janeiro, Garnier, 1900.
- RIBEIRO (João) — *As Nossas Fronteiras* — Rio de Janeiro, Industrial Gráfica, 1940.
- RICARDO (Cassiano) — *Marcha para Oeste* — Rio de Janeiro, José Olímpio, s.d.
- RICH (John Lyon) — *The Face of South America* — New-York, American Geographical Society, 1942.

- SAMPAIO (A. J. de) — *Fitogeografia do Brasil* — São Paulo, Editora Nacional, 1938.
- SEREBRENICK (Salomão) — *Aspectos Geográficos do Brasil* — Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 1942.
- SERVIÇO DE METEOROLOGIA — *Normais Climatológicas* — Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola, 1941.
- SHANAHAM (E. W.) — *South America* — Londres, Methuen, 1942.
- SILVA (Clodomiro Pereira da) — *Regime das Costas no Brasil* — Separata do Anuário da Escola Politécnica, São Paulo, 1936.
- SILVA (Moacir) — *Geografia das Fronteiras no Brasil* — Em Revista Brasileira de Geografia, ano 4.º, n. 4, 1942, pag. 749.
- SILVA (Moacir) — *Geografia dos Transportes no Brasil* — Em Revista Brasileira de Geografia, ano 1.º, ns. 2, 3 e 4; ano 2.º, ns. 1, 2, 3 e 4; ano 3.º, ns. 1, 2, 3 e 4 — 1939, 1940, 1941.
- SIMONSEN (Roberto C.) — *Ensaio Social, Político e Econômico* — São Paulo, Federação das Indústrias, 1943.
- SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO — *Geografia do Brasil*, vols. I e II — Rio de Janeiro, Pimenta de Mello, s.d.
- SOUZA (Antônio José Alves de) — *Regime dos Cursos de Águas no Brasil* — Em vol. II dos Anais do Nono Congresso Brasileiro de Geografia.
- TAUNAY (Afonso de E.) — *História do Café no Brasil* — Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Café.
- VARZEA (Afonso) — *Relêvo do Brasil* — Em Revista Brasileira de Geografia, ano 4, n. 1, 1942, pag. §7.
- WALLE (Paul) — *Au Brésil, de l'Uruguay au Rio São Francisco* — Paris, Guilmoto, s.d.
- WAPPAEUS (J. E.) — *Geografia do Império do Brasil* (parte física) — Tradução de Capistrano de Abreu — s.d.
- WHITBECK (R. H.) — e WILLIAMS (Frank) — *Economic Geography of South America* — New-York, McGraw Hill, 1940.
- ZWEIG (Stefan) — *Brasil, país do futuro* — Rio de Janeiro, Guanabara, 1941.

OBRAS ESPECIAIS

- ABREU (Florêncio de) — *O gado bovino e sua influência sobre a antropogeografia do Rio Grande do Sul* — (Anais do 3.º Congresso Sulriograndense de História e Geografia, v. 4: p. 2133-2151).
- ADAMY (Otílio) — *Notas para o estudo da bacia do Jacuí* — (Anais do 3.º Congresso Sulriograndense de História e Geografia, v. 4: p. 2031-2047).
- ALEGRE (Augusto Porto) — *A fundação de Porto Alegre* — Porto Alegre, Globo, 1909.
- ALMEIDA (A. Tavares de) — *Oeste Paulista* — Rio de Janeiro, Alba, 1943.
- ALMEIDA (João Mendes de) — *Dicionário Geográfico da Província de S. Paulo* — S. Paulo, 1901.
- ANDRADA E SILVA (Raul de) — *A cidade de Santo André e sua função industrial* — Rev. Arquivo Municipal, vol. LXXIX, S. Paulo, 1941.
- ARAÚJO (Oscar Egidio de) — *Latinos e não latinos no município de São Paulo* — (Rev. Arquivo Municipal, v. 75, a. 7, 1941: p. 65-98).
- ARAÚJO FILHO (José Ribeiro) — *Andradina* — (Bol. da Associação dos Geógrafos Brasileiros. a. 2, n.º 3, 1943).

- AZEVEDO (Aroldo de) — *Subúrbios de São Paulo* — Separata do Anuário da Faculdade de Filosofia do Instituto "Sedes Sapientiae", 1943.
- AZEVEDO (Sálvio de Almeida) — *Imigração e colonização no Estado de São Paulo* — (Rev. Arquivo Municipal, v. 75, a. 7, 1941: p. 105-152).
- AZEVEDO (Tales de). — *Gaúchos — Notas de Antropologia Social*. — Baía, 1943.
- BACKHEUSER (Everardo) — *A faixa litorânea do Brasil Meridional: hoje e ontem* — Rio de Janeiro, Besnard Frères, 1918.
- BAPTISTA (Caio Dias) — *Aspectos do vale do Paraíba e do seu reerguimento no governo Ademar de Barros* — Taubaté, Secretaria da Agricultura, 1940.
- BARBOSA (Otávio) — *Geomorfologia da região do Apiaí* — (Bol. da Associação dos Geógrafos Brasileiros, a. 3, n.º 3, 1943).
- BARROS (Renato Paes de) — *Zonas ecológicas de São Paulo* — (Observador Econômico e Financeiro, a. 5, n.º 56, 1940: p. 608).
- BASTIDE (Roger) — *Geografia das religiões em São Paulo* — (Bol. da Associação dos Geógrafos Brasileiros, a. 2, n.º 2, 1942).
- BOITEUX (José Artur) — *A influência da colonização na toponímia do Estado de Santa Catarina* — (Anais do 5.º Congresso Brasileiro de Geografia — Baía, Imprensa oficial, 1916: p. 608).
- BOITEUX (Lucas Alexandre) — *Primeira página da colonização italiana em Santa Catarina* — Florianópolis, Imprensa oficial. Publicação n.º 11 do Departamento de Estatística e Publicidade.
- BRASILIANO (Rúbio) — *O Rio Grande do Sul e a Cisplatina* (estudo histórico) — Porto Alegre, Barcellos, 1935.
- CABRAL (Oswaldo R.) — *Santa Catarina* (História e evolução) — São Paulo, Editora Nacional, 1937.
- . *A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina* — Florianópolis, Imprensa oficial, 1941.
- CALDAS (J. Tupi) — *Geografia histórica: toponímia do Brasil sul* — (Rev. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, a. 20, 1.º trimestre: p. 143-150).
- CALDEIRA (Branca da Cunha). — *A indústria textil paulista* — Rev. "Geografia", a. I, n. 4, 1935.
- CÂMARA (Aristóteles de Lima) — *Os alemães no sul do Brasil* — (Rev. Imigração e Colonização, a. 1, n.º 4: p. 740-755).
- CÂMARA (Lourival) — *Estrangeiros em Santa Catarina* — Publicação n.º 18 do Departamento Estadual de Estatística.
- CAMPOS (Dácio Aranha) — *Tipos de povoamento de São Paulo* — (Rev. Arquivo Municipal, a. 5, n.º 54, 1939: p. 5-34).
- CARLI (Gileno de) — *Gênese e evolução da indústria açucareira de São Paulo* — Rio de Janeiro, Pongetti, 1943.
- CARVALHO (C. M. Delgado de) — *Le Brésil Méridional: étude économique sur les états du sud* — Paris, Société Anonyme de Publications Périodiques, 1910.
- CARVALHO (P. Franco) — *Recursos minerais do Estado do Rio Grande do Sul* — Bol. 72 do Serviço Geológico e Mineralógico.
- CIDADE (F. de Paula) — *Rio Grande do Sul: explicação da história pela geografia* — (Anais do 3.º Congresso Sulriograndense de História e Geografia, v. 2: p. 643).
- CLUB DE ENGENHARIA — *Relatório da Comissão de Estudos do Carvão de Pedra*, apresentado ao Conselho Diretor em 1916 — Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1916.

- COBRA (Amador Nogueira) — *Recanto do Sertão Paulista* — São Paulo, Nennies & Cia., 1943.
- CRISSIUMA (Eddy de F.) — *Concentração japonesa em São Paulo* — (Geografia, a. 1, 1935).
- DANTAS (Garibaldi) — *A aliança do café e do algodão em São Paulo* — (Rev. do Instituto do Café, a. 15, n.º 157: p. 236-239).
- DEFFONTAINES (Pierre) — *Pays et paysages de l'État de Saint Paul* — (Annales de Géographie, t. 45, 1936: p. 50 e 160 e Rev. Geografia, a. 1, n.º 2, 1935: p. 117-169).
- . *Les foires à mulets de Sorocaba* — (Annales de Géographie, t. 45, 1936: p. 648); e Rev. "Geografia", a. I, n. 3, 1935.
- DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA — *Aspectos catarinenses* — Florianópolis, Imprensa Oficial, 1942.
- . *A Indústria de fiação e tecelagem em Santa Catarina*. — Florianópolis, Imprensa Oficial, 1939. Publicação n.º 7.
- . *A reserva mineral do Estado* — Florianópolis, Imprensa Oficial, 1939. Publicação n.º 3.
- DIRETORIA DE TERRAS, COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO — *Movimentos imigratórios no Estado de São Paulo* — (Bol. da Diretoria de Terras, Colonização e Imigração, a. 1, n.º 1, 1937).
- DOCCA (Scuza) — *O bi-centenário da colonização de Porto Alegre* — Rio de Janeiro, s.c.p., 1941.
- . *Gente sulriograndense*. — (Anais do 3.º Congresso Sulriograndense de História e Geografia, v. 2: p. 643-680).
- DOMINGUES (Otávio) — *O nosso capítulo imigração* — (Observador econômico e Financeiro, a. 3, n.º 26, 1938: p. 24).
- ELLIS JUNIOR (Alfredo) — *A evolução da economia paulista e suas causas* — São Paulo, Editora Nacional, 1937.
- . *Populações paulistas* — São Paulo, Editora Nacional, 1934.
- . *Os primeiros troncos paulistas e o cruzamento euro-americano* — São Paulo, Editora Nacional, 1936.
- FARIA (L. de Castro) — *Notas sobre Santa Catarina: o litoral e a serra* — (Bol. do Museu Nacional: Antropologia, n.º 1, 1942).
- FERNANDEZ (Cassiano Alberto Lorenzo) — *A indústria do charque* — (Observador Econômico e Financeiro, a. 5, n.º 49, 1940: p. 57).
- FERRAZ (Breno) — *Cidades vivas* — São Paulo, Monteiro Lobato, 1924.
- FERRAZ (J. de Sampaio) — *Ligeiro esboço de alguns aspectos fundamentais da climatologia do Estado de São Paulo* — (Anais do 9.º Congresso Brasileiro de Geografia, v. 2, 1942: p. 425).
- . *Subsídios para o estudo de um ciclo climatológico no sueste brasileiro* — (Rev. Brasileira de Geografia, a. 1, n.º 3, 1939: p. 3).
- FERRAZ (Mario de Sampaio) — *O vale do Paratiba* — São Paulo, Secretaria da Agricultura, 1939.
- . *Campos de Jordão*. — Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura, S. Paulo, 1940.
- FIGUEIREDO (José de Lima) — *Oeste paranaense* — São Paulo, Editora Nacional, 1937.
- FONTES (Henrique) — *A população de Santa Catarina em 1916* — (Anais do 5.º Congresso Brasileiro de Geografia. — Baía, Imprensa Oficial, 1916, v. 1: p. 675).
- FRANÇA (Ari) — *Aspectos do povoamento da Noroeste: a região de Pirajui* — (Bol. da Associação dos Geógrafos Brasileiros, a. 3, n.º 3, 1943).
- FREITAS (Afonso A. de) — *Geografia do Estado de S. Paulo*. — S. Paulo, 1906.

- GUTERSOHN (Heinrich) — *São Paulo, natur und wirtschaf* — Zürich.
- HARNISCH (Wolfgang) — *O Rio Grande do Sul: a terra e o homem* — Pôrto Alegre, Globo, 1941.
- HERMANN (Lucila) — *Estudo ecológico de uma radial de São Paulo* — (Bol. da Associação dos Geógrafos Brasileiros, a. 2, n.º 2, 1942).
- HERMANN (Omer W.) — *South Brazil, new land of cotton* — (U. S. Department of Agriculture, Farma credit administration, circular C-177: p. 47).
- HOEHNE (F. C.) — *Araucariândia* — São Paulo, Secretaria da Agricultura, 1930.
- JAMES (Preston E.) — *The changing patterns of population in São Paulo state* — (Geographical Review, v. 28: p. 353-362).
- , *The expanding settlement of southern Brazil* — (Geographical Review, v. 30, n.º 4, october: p. 601-626).
- , *Industrial development in São Paulo state, Brazil* — (Economic Geography, v. 11, 1935: p. 258-266).
- , *The problem of foreign immigration in Brazil* — (Papers of Michigan Academy of Science, Arts & Letters, v. 25: p. 385-395).
- , *O problema da colonização permanente no sul do Brasil* — (Rev. Brasileira de Geografia, v. 1, 1939: p. 70-84).
- , *Rio de Janeiro and São Paulo* — (Geographical Review, v. 23, 1933: p. 271-298).
- JUNOT (Lucas R.) — *Estudo da temperatura da cidade de São Paulo* — (Anais do 9.º Congresso Brasileiro de Geografia, v. 2, 1942: p. 460).
- KNOELLER (Cristian) — *A cultura do fumo no Rio Grande do Sul* — (Bol. Ministério Trabalho, Industria e Comércio, a. 6, n.º 71: p. 147-173).
- KNECHT (Teodoro) — *Formações estruturais, particularmente karsticas, do municipio de Apiaí*. — Rev. "Geografia", ano I, n. 1, 1935.
- KRUG (Edmundo) — *A Ribeira de Iguape* — (Anais do 1.º Congresso Brasileiro de Geografia. — Ric de Janeiro, Leuzinger, 1910, v. 5: p. 26).
- LECOCQ (Jean) — *A indústria da madeira no Estado de São Paulo* — (Bol. da Associação dos Geógrafos Brasileiros, a. 2, n.º 2, 1942).
- LECOCQ (Nice de Magalhães) — *As indústrias de Sorocaba* — (Bol. da Associação dos Geógrafos Brasileiros, v. 2, n. 2, 1942).
- LEME (Alberto Betim Paes) — *O tectonismo da Serra do Mar: hipótese de uma remodelação terciária* — (Anais da Academia Brasileira de Ciências, tomo 2, n.º 3, 1930: p. 143).
- LISBOA (Miguel Arrojado) — *Considerações sobre o problema carvoeiro de Santa Catarina* — Bol. 43 do Departamento Nacional de Produção Mineral.
- LISBOA (Miguel Arrojado) — *Oeste de São Paulo, sul de Mato Grosso* — Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1909.
- LÖFGREN (Alberto) — *Géographie botanique de la flore de Saint Paul* — (Relatório do Congresso Científico Latino-americano, celebrado em agosto de 1905 — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1909).
- LOWRIE (Samuel) — *Imigração e crescimento da população no Estado de São Paulo* — São Paulo, Escola Livre de Sociologia e Política, s.d.
- MAACK (Reinhard) — *Algumas observações a respeito da existência e da extensão do arenito superior São Bento ou Caiuá no Estado do Paraná* — (Arquivos Museu Paranaense, vol. 1, 1941: p. 107-129).
- , *The Germans of South Brazil: a german view* — (Quarterly Journal of Inter-american Relations, vol. 1, n.º 3: p. 5-23).

- , *Die deutsche literatur ueber die deutsche einwanderung und siedlung in Suedbrasilien* — (Handbook of Latin-american Studies, 1938: p. 399-417).
- MARCHANT (Alexander) — *Writings in English, French, Italian and Portuguese concerning the German colonies in Southern Brazil* — (Handbook of Latin-american Studies, 1938: p. 418-451).
- MARTINS (Romário) — *História do Paraná* — Curitiba, Rumo, 1939.
- , *Quantos somos e quem somos: dados para a história e estatística do povoamento do Paraná* — Curitiba, Empresa Gráfica Paranaense, 1941.
- MARTONNE (Emmanuel de) — *Problèmes morphologiques du Brésil tropical atlantique* — (Annales de Géographie, 1940).
- MATTOS (José Nunes Belfort de) — *Influência das matas sobre o clima. O regime das chuvas em São Paulo. As variações da temperatura em São Paulo* — (Anais 1.º Congresso Brasileiro Geografia — Rio de Janeiro, Leuzinger, 1910).
- MEYER (Antônio Corrêa) — *A cultura de cana e a indústria açucareira em São Paulo* — São Paulo, Revista dos Tribunais, 1941.
- MILLIET (Sérgio) — *O negro em São Paulo* — (Observador Econômico e Financeiro, a. 6, n.º 72 1942: p. 62).
- , *A queda do latifúndio* — (Observador Econômico e Financeiro, a. 4, n.º 41, 1939: p. 27).
- , *Roteiro do café e outros ensaios*. — São Paulo, s.c.p., 1939.
- MIRA (Crispim) — *Os alemães no Brasil* — Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1916.
- MONBEIG (Pierre) — *Algumas observações sobre Marília, cidade pioneira* — (Rev. Arquivo Municipal, v. 78, 1941).
- , *A zona pioneira do Norte Paraná* — Rev. "Geografia", a. 1, n. 5, 1935.
- , *Comentário em torno do mapa da evolução da população do Estado de São Paulo entre 1934 e 1940* — (Bol. da Associação dos Geógrafos Brasileiros, a. 3, n.º 3, 1943).
- , *Ensaios de Geografia Humana Brasileira* — São Paulo, Martins, 1940.
- , *Les voies de communication dans l'Etat de Saint Paul* — (Bulletin de l'Association des Géographes Français, n.º 102, 1937: p. 9-17).
- , *Paisagens rurais do Estado de São Paulo* — Rev. Brasileira de Geografia, v. 3.º, n. 1, 1941. pg. 182.
- MORAES (Rubens Borba de) — *Contribuições para a história do povoamento de S. Paulo até fins do século XVIII* — Rev. "Geografia", a. 1, n. 1, 1935.
- MOTA (Otoniel) — *Do rancho ao palácio: evolução da civilização paulista* — São Paulo, Editora Nacional, 1941.
- NIEMEYER (Waldir) — *O Rio Grande do Sul e o comércio de cabotagem* — (Bol. Ministério Trabalho, Indústria e Comércio, a. 6, n.º 70, p. 209-216).
- OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO — *Aspectos do Rio Grande do Sul* — (a. 6, n.º 69, 1941: p. 120).
- , *Colonização alemã no Brasil* — (a. 3, outubro: p. 107-139).
- , *A metrópole gaúcha* — (a. 5, n.º 59, 1940: p. 109).
- , *Importação e trigo nacional* — (a. 5, n.º 51: p. 9).
- OLIVEIRA (Antônio Carlos de) — *Economia pecuária do Brasil central* — (Bol. do Departamento estadual de estatística, a. 3, n.º 12, 1941: p. 9-88 e a. 4, ns. 1, 2, 1942: p. 15-97 e 17-135).

- OLIVEIRA (Euzébio de) — *Regiões carboníferas dos Estados do sul* — Rio de Janeiro, 1918.
- . *Rochas triássicas do Estado do Paraná* — (Anais da Academia Brasileira de Ciência, t. 2, n.º 3, 1930: p. 131).
- PANATIERI — *O arroz no Rio Grande do Sul* — (Observador Econômico e Financeiro, a. 5, n.º 53, 1940: p. 15).
- . *Problemas do arroz gaúcho* — (Observador Econômico e Financeiro, a. 5, n.º 50, 1940: p. 112).
- PASCOALICK (Romeu) — *Uma ferrovia paulista: a Sorocabana* — Revista do Arquivo Municipal, n.º LXXVI, S. Paulo, 1941.
- PAULA (Eurípedes Simões de) — *O caíçara e a região de Itanhaen* — São Paulo, s.c.p., 1934.
- . *Cornélio Procópio* — Rev. "Geografia", a. II, n. 2-3, 1936.
- . *Contribuição monográfica para o estudo da 2.ª fundação de São Paulo: da pequena cidade de há meio século à grande metrópole de hoje* — São Paulo, s.c.p., 1936.
- PAUWELS (Geraldo) — *Algumas notas sobre a distribuição do campo e da mata no sul do país e a fixidez do limite que os separa* — (Rev. Brasileira de Geografia, a. 3, n.º 3, 1941: p. 647).
- . *A Morfogenese do litoral catarinense* — (Rev. Brasileira de Geografia, a. 3, n.º 4, 1941: p. 785).
- PEREIRA (Altamirano Nunes) — *Aspectos meridionais do Brasil* — Curitiba, Guaira, 1942.
- PEREIRA (Mar'ia Mendes) — *Estudo do povoamento do Rio Grande do Sul e divisas com povos vizinhos* — (Anais do 3.º Congresso Sulriograndense de História e Geografia, v. 3: p. 1611-1621).
- PESSOA (Samuel B.) — *Distribuição geográfica de algumas endemias parasitárias no Estado de São Paulo* — (Bol. da Associação dos Geógrafos Brasileiros, a. 2, n.º 2, 1942).
- PINTO (Adolfo Augusto) — *História da Viação Pública de São Paulo* — São Paulo, Vanorden & C. a., 1903.
- PRADO JUNIOR (Caio) — *Nova contribuição para o estudo geográfico da cidade de São Paulo* — (Estudos Brasileiros, a. 3, v. 7, ns. 19, 20, 21, 1941).
- . *Contribuição para o estudo das influências étnicas no Est. do Paraná* — Rev. "Geografia", a. I, n. 2, 1935.
- . *Distribuição da propriedade fundiária rural no Estado de São Paulo* — Rev. "Geografia", a. 1, n. 1, 1935.
- . *O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de S. Paulo* — Rev. "Geografia", a. 1, n. 3, 1935.
- PRADO (Paulo) — *Paulística: história de São Paulo* — São Paulo, Monteiro Lobato, 1925.
- RAMOS (Godolfim Torres) — *Terras e colonização no Rio Grande do Sul* — (Rev. de Imigração e Colonização, a. 1, n.º 4, outubro: p. 740-755).
- REGO (Luiz Flores de Moraes) — *Contribuição ao estudo das formações predevoneanas de São Paulo* — São Paulo, São Paulo Editora, 1933.
- . *Camadas cretáceas do sul do Brasil* — (Anais da Escola Politécnica, 1935: p. 231-274).
- . *A flora das camadas superiores do sistema de Santa Catarina* — (Anais da Academia Brasileira de Ciências, 1935).
- . *Geologia do Estado de São Paulo* — Separata do Bol. do Departamento de Estradas de Rodagem.

- . *Geologia do Petróleo no Estado de São Paulo* — (Bol. n.º 46 do Serviço Geológico e Mineralógico, 1930).
- . *Notas sobre a Geomorfologia de São Paulo e sua gênese* — São Paulo, São Paulo Editora, 1932.
- . *O sistema de Santa Catarina em São Paulo* — (Anais da Escola Politécnica, 1936).
- . (e Tarcísio D. de Souza Santos) — *Contribuição para o estudo dos granitos da Serra da Cantareira* — Bol. do Instituto de Pesquisas Tecnológicas, n.º 18.
- . *Influências estruturais sobre o relevo das regiões cristalinas de São Paulo*. — Rev. Brasileira de Geografia, v. 3.º, n. 1, 1941, pg. 182.
- . *Considerações preliminares sobre a gênese e a distribuição dos solos no Estado de S. Paulo* — Revista "Geografia", ano I, n. 1, S. Paulo, 1935.
- RIBEIRO (Eurico Branco) — *Esboço da história do oeste do Paraná* — Curitiba, João Haupt, 1940.
- RIBEIRO (João Coelho Gomes) — *A Serra da Mantiqueira* — (Anais do 1.º Congresso Brasileiro de Geografia. — Rio de Janeiro, Leuzinger, 1910, v. 3: p. 61).
- RIBEIRO (Orlando) — *L'immigration dans l'état de Saint Paul* — (Annales de Géographie, a. 48, 1939: p. 520).
- RIBEIRO (Maria da Conceição Martins) — *Franca* — Rev. Arquivo Municipal, n. LXXVII, São Paulo, 1941.
- ROCHA (José Fiusa da) e Evaristo Pena Scorza — *Estratigrafia do carvão em Santa Catarina* — Bol. 104 do Departamento Nacional de Produção Mineral.
- RODRIGUES (Jorge Martins) — *Problemas imigratórios* — (Observador Econômico e Financeiro, a. 4, n.º 38, 1939: p. 27).
- . *São Paulo de ontem e de hoje* — São Paulo, s.c.p., 1940.
- ROSA (Ferreira da) — *Cidades brasileiras servidas pela Estrada de Ferro Central do Brasil* — (Anais do 5.º Congresso Brasileiro de Geografia. — Baía, Imprensa Oficial, 1916, v. 2.º: p. 772).
- ROSA (José Vieira da) — *As tres províncias irmãs do sul* — (Anais do 3.º Congresso Sulriograndense de História e Geografia, v. 2: p. 221-326).
- SAINT-HILAIRE (Auguste de) — *São Paulo nos tempos coloniais* — São Paulo, Monteiro Lobato, 1922.
- . *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Mato Grosso e a São Paulo*. — São Paulo, Editora Nacional, 1938.
- . *Viagem à província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai* — São Paulo, Martins, 1940.
- . *Viagem ao Rio Grande do Sul* — São Paulo, Editora Nacional, 1939.
- SAMPAIO (Teodoro). — *Considerações geográficas e econômicas sobre o vale do rio Paranapanema*. — Bol. Comissão Geográfica e Geológica de S. Paulo, n. 4, 1890.
- SCHMIDT (Carlos B.). — *Colonização do Litoral* — Do "Boletim da Agricultura", S. Paulo, 1934.
- . — *Explorações econômicas do litoral paulista*. — Das "Notas Agrícolas", vol. 6.º, S. Paulo, 1941-42.
- SETZER (José) — *As características dos principais solos do Estado de São Paulo* — (Bragantia, v. 1, n.º 4, 1941).

- SILVA (Osmar Romão da) — *Rotas pioneiras de Santa Catarina* — (Rev. Brasileira de Geografia, a. 3, n.º 4, 1941: p. 805).
- SILVEIRA (João Dias da) — *Estudo geográfico do litoral paulista* — (Bol. da Associação dos Geógrafos Brasileiros, a. 2, n.º 2, 1942).
- . *Itatiaia* — (Anais do 9.º Congresso Brasileiro de Geografia, v. 2, 1942: p. 607).
- . *Estudos sobre um trecho da Mantiqueira*. — Rev. Brasileira de Geografia, v. 3.º, n.º 1, 1941, pag. 183.
- SIMCH (Francisco Rodolfo) — *Orografia do Estado do Rio Grande do Sul* — (Relatório do Congresso Científico Latino-americano, celebrado na cidade do Rio de Janeiro em agosto de 1905. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1909).
- SIMÕES (Carlos Quirino) — *Histórico e situação da rede rodoviária do Estado de São Paulo* — São Paulo, s.c.p., 1940.
- SIMONSEN (Roberto) — *Aspectos da história econômica do café* — São Paulo, s.c.p., 1940.
- SODERO (Carlos M.) — *A vida econômica e social de São Paulo revelada no desenvolvimento numérico de suas unidades municipais* — (Rev. Arquivo Municipal, v. 85, a. 7, 1941: p. 159-170).
- SOUSA (Antonieta de Paula) — *Ligeiro estudo sobre a Serra do Mar no norte do Estado de São Paulo* — (Anais do 9.º Congresso Brasileiro de Geografia, v. 2: p. 562).
- . — *Impressões de viagem ao longo do rio Paraná* — Rev. "Geografia", a. II, n. 4, 1936.
- SOUSA (William Coelho de) — *Aspectos catarinenses* — (Observador Econômico e Financeiro, a. 6, n.º 69, 1941: p. 120).
- SPALDING (Walter) — *Pecuária, charque e charqueadores no Rio Grande do Sul* — (Bol. do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, a. 5, n.º 67: p. 179-185).
- TESTA (J.) — *Valor econômico e demográfico de alguns municípios paulistas* — (Rev. do Instituto do Café, a. 15, n.º 165: p. 1792).
- TEJO (Limeira) — *O porto do Rio Grande* — (Observador Econômico e Financeiro, a. 3, n.º 34, 1939: p. 34).
- . *A economia do Rio Grande do Sul* — (Observador Econômico e Financeiro, a. 3, n.º 34, 1938: p. 55).
- VASCONCELLOS (Henrique Dória) — *O problema da imigração* — (Bol. da Diretoria de Terras, Colonização e Imigração, a. 1, n.º 1, 1937).
- VIANA (Oliveira) — *Populações meridionais do Brasil* — São Paulo, Editora Nacional, 1938.
- VICENTE DE CARVALHO (Maria Conceição) — *A cidade e o porto de Santos* — (Bol. da Associação dos Geógrafos Brasileiros, a. 2, n.º 2, 1942).
- . — *O pescador no litoral leste do Estado de S. Paulo*. — Rev. Arquivo Municipal, v. XCII, S. Paulo, 1943.
- WASHBURN (Chester W.) — *Geologia do petróleo do Estado de São Paulo* — Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura, 1939.
- WHITE (I. C.) — *Comissão de estudos das minas de carvão de pedra do Brasil: relatório final* — Rio de Janeiro, 1908.
- WILLEMS (Emílio) — *Assimilação e populações marginais do Brasil* — São Paulo, Editora Nacional, 1940.
- WILLIAMS (Carlos) — *A citricultura em S. Paulo* — Revista "Geografia", a. I, n. 1, 1935.

NOTICIÁRIO

Atividades da cadeira de Geografia do Brasil

ANO LETIVO DE 1942

Professores e assistentes. — Por ato de 24 de fevereiro de 1942, do sr. Secretário da Educação e Saúde Pública, foi nomeado para a regência interina da 25.ª cadeira — Geografia do Brasil, o prof. *Aroldo Edgard de Azevedo*.

Por ato de 24 de março de 1942, do sr. Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, foi nomeado o prof. *José Ribeiro de Araujo Filho* para o cargo de assistente extra-numerário da cadeira de Geografia do Brasil.

Por ato de 14 de abril de 1942, do sr. Secretário da Educação e Saúde Pública, foi comissionada a professora *Regina Carneiro* junto à mesma cadeira.

Matéria lecionada. — Durante o ano, foram dados pelo professor da cadeira os seguintes cursos: 1. O “continente” brasileiro: visão de conjunto; 2. Amazônia: estudo regional; 3. Zona dos Cocais: estudo regional. 4. Região do São Francisco: estudo regional; 5. Recôncavo baiano: estudo regional.

O assistente, prof. Araujo Filho, deu aulas de seminário, abordando os seguintes temas: 1. O Atlântico Sul; 2. Aspectos fisiográficos do litoral brasileiro (tipos de costas e formações litorâneas); 3. Os grandes fatores do clima brasileiro; 4. Relêvo do Brasil: histórico das investigações científicas do solo brasileiro, caracteres gerais do relêvo e o Maciço Atlântico.

Trabalhos escolares. — No primeiro semestre, os alunos fizeram resenhas bibliográficas e dissertações escritas. As primeiras giraram em torno das EXPLORAÇÕES CIENTÍFICAS realizadas no Brasil, tendo sido resumidos capítulos da obra de Melo Leitão, “História das Expedições Científicas no Brasil”, bem como as obras de Spix e Martius, Saint-Hilaire, Wied-Neuwied, Agassiz. Quanto às dissertações, foram os seguintes os temas esplanados: 1. Zonas climáticas do Brasil; 2. A vegetação do Brasil; 3. O re-

lêvo do Nordeste; 4. A região do Babaçú; 5. O açúcar no Nordeste; 6. O algodão em São Paulo; 7. A era das vias-férreas no Brasil; 8. A era das rodovias no Brasil; 9. Rio de Janeiro, metrópole brasileira.

No segundo semestre, os alunos praticaram o ensino da Geografia, dando aulas que tiveram a crítica do professor. Tais aulas versaram os seguintes temas: BRASIL MERIDIONAL — 1. Estrutura e relêvo; 2. Clima e vegetação; 3. O povoamento; 4. Café e algodão; 5. O gado; 6. As zonas pioneiras; 7. A região da Araucária; 8. O pampa; 9. São Paulo e Santos. BRASIL CENTRAL — 1. Geografia física; 2. O povoamento; 3. O sul de Mato-Grosso; 4. A região do Pantanal; 5. A região das chapadas matogrossenses; 6. O sul de Goiaz. NORDESTE — 1. Litoral nordestino: aspectos físicos; 2. Litoral nordestino: geografia humana; 3. Recife, metrópole nordestina; 4. O problema das secas no Nordeste; 5. Geografia humana do sertão nordestino.

Trabalhos de pesquisas. — No fim do ano, apresentaram à cadeira o resultado de seus estudos e pesquisas os seguintes alunos: JAIR ROCHA BATALHA — Os japoneses na região de Mogi das Cruzes; DIRCEU LINO DE MATOS — A “cuesta” de Botucatu; TERCÍLIA FAVA — As indústrias de Jundiá; MARIA LUIZA PIRES DO RIO PINHO — Monografia de fazenda.

Excursões de estudos. — Nos primeiros dias do mês de maio de 1942, realizou-se uma excursão à região de *Caraguatã* e *São Sebastião*, sob o patrocínio do Departamento de Geografia da Faculdade. Nela tomaram parte alunos dos três anos da secção de Geografia e História, sob a direção do prof. João Dias da Silveira, de Geografia Física, do prof. Aroldo de Azevedo, de Geografia do Brasil, e da professora Conceição Vicente de Carvalho, assistente da cadeira de Geografia Humana.

Na segunda quinzena do mês de maio, os alunos de Geografia do Brasil, acompanhados do professor e seus assistentes, visitaram as instalações do porto de *Santos*.

Em outubro, realizou-se uma excursão à região de *Piracicaba* e *São Pedro*, tendo nela tomado parte alunos dos três anos da secção e os professores Pierre Monbeig, João Dias da Silveira e Aroldo de Azevedo.

ANO LETIVO DE 1943

Matéria lecionada. — Pelo professor da cadeira foram dados, durante o ano de 1943, os seguintes cursos: 1. O “continente” brasileiro: visão de conjunto; 2. Amazônia: estudo regional; 3. Zona dos Cocais: estudo regional; 4. Nordeste: estudo regional; 5. Os transportes no Brasil; 6. O carvão e o ferro no Brasil.

Coube ao assistente, prof. Araujo Filho, dar aulas de seminário, nas quais versou os seguintes temas: 1. O Atlântico sul; 2. Aspectos fisiográficos do litoral brasileiro; 3. Os grandes fatores do clima brasileiro; 4. Relêvo do Brasil; 5. O efetivo humano no Brasil; 6. Os vários tipos da população brasileira; 7. A imigração no Brasil; 8. Evolução da economia brasileira: os grandes ciclos econômicos.

A professora Regina Carneiro também deu aulas de seminário, estudando as expedições científicas ao Brasil e, de maneira particular, as viagens de Spix e Martius.

Trabalhos escolares. — No primeiro semestre, os alunos apresentaram DISSERTAÇÕES escritas sobre os seguintes assuntos: 1. A região mineira do São Francisco; 2. A região baiana do São Francisco; 3. A Chapada Diamantina; 4. O sul da Baía; 5. A região do Espinhaço; 6. O vale do rio Dôce; 7. A zona da Mata mineira; 8. O Triângulo mineiro; 9. O sul de Minas; 10. A Baixada Fluminense; 11. O vale do Paraíba; 12. Belo Horizonte.

No segundo semestre, os alunos praticaram o ensino da Geografia, realizando aulas sujeitas à crítica do professor. Eis os temas abordados: BRASIL MERIDIONAL — 1. Estrutura e relêvo; 2. Clima e vegetação; 3. Povoamento; 4. Zonas pioneiras; 5. A região da Araucária; 6. A região riograndense; 7. O litoral meridional. BRASIL CENTRAL — 1. Geografia física; 2. Povoamento; 3. O sul de Mato Grosso; 4. A região do Pantanal; 5. O sul de Goiaz.

Trabalhos de pesquisas. — O ano de 1943 foi destinado a pesquisas de caráter geográfico na região da Cantareira. Afim de dividir a tarefa entre os alunos, foram fixados os seguintes temas: 1. Mandaqui; 2. Invernada; 3. Horto Florestal; 4. Tremembé; 5. Carandirú; 6. Parada Inglesa; 7. Tucuruví; 8. Vila Mazzei; 9. Jaganã; 10. Vila Galvão; 11. Gopóuva; 12. Guarulhos.

PROGRAMA PARA 1944

No decorrer do ano de 1944 deverá ser obedecido o seguinte programa, já aprovado pela congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras:

Introdução.

1. O "continente" brasileiro. O problema das divisões regionais.

2. Explorações científicas no Brasil.

Parte geral.

3. A TERRA: Estrutura geológica. Relêvo do solo. Costas. Climas. Vegetação. Hidrografia.

4. O HOMEM: População. Elementos étnicos. Habitação e alimento. Formação territorial.

5. A ECONOMIA: Ciclos econômicos. Produtos agrícolas. As indústrias. Transportes. Comércio.

Parte especial.

6. REGIÃO NORTE: A planície amazônica. Guiana Brasileira. Guiana Maranhense.

7. REGIÃO NORDESTE: Zona dos Cocais. Nordeste propriamente dito: o litoral e o sertão.

8. REGIÃO LESTE: Recôncavo baiano. Sul da Baía. Vale do rio Dôce. Chapada Diamantina e Espinhaço. Vale do São Francisco. Triângulo mineiro. Sul de Minas. Zona da Mata. Vale do Paraíba. Baixada Fluminense.

9. REGIÃO SUL: A região litorânea e a Serra do Mar. O planalto meridional. A região paulista. A zona da Araucária. A região serrana e o Pampa.

10. REGIÃO CENTRO-OESTE: Sul de Mato Grosso. Pantanal. Chapada matogrossense. Sul de Goiás. Região do Tocantins.

Í N D I C E

	<i>Págs.</i>
<i>Apresentação</i> — pelo prof. Aroldo de Azevedo	5
<i>Sumário</i>	6
<i>Monografia de fazenda: a Fazenda "Engenho d'Água", em Guaratinguetá</i> — pela licenciada Maria Luiza Pires do Rio Pinho ...	7
Localização e denominação	7
Limites	8
Altitude e clima	8
Solo e topografia	9
Descrição da paisagem	12
A sede da Fazenda	19
O passado	23
Evolução da cultura	24
Povoamento	25
Vida econômica:	
Agricultura	27
Criação	29
<i>Um recanto da Cantareira: Gopóiva</i> — pela licenciada Maria Galadina A. Xavier	34
Introdução	36
Aspectos físicos	37
Aspectos humanos	40
Conclusão	54
<i>Recôncavo da Baía</i> — pelo prof. Aroldo de Azevedo	55
Uma zona de transição	55
A baía de Todos-os-Santos	55
Geologia do Recôncavo	56
As origens da baía de Todos-os-Santos	58
O clima e os solos	58
A colonização portuguesa	60
A população e os núcleos urbanos	60
A cidade do Salvador	63
Fumo, riqueza do Recôncavo	67
Duas outras velhas riquezas	71
Uma riqueza do futuro	73
Os transportes	74
<i>Bibliografia: Brasil Meridional</i>	76
Obras gerais	76
Obras especiais	78
<i>Noticiário: Atividades da cadeira de Geografia do Brasil</i>	86
Ano letivo de 1942	86
Ano letivo de 1943	87
Programa para 1944	88